



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA
– CAMPUS CABEDELO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

**MODERNIDADE ILUSTRADA: ANÁLISE GRÁFICA DE CAPAS DA REVISTA
ERA NOVA DE 1921 A 1925**

ALICE PEREIRA MELO

CABEDELO

2022

**MODERNIDADE ILUSTRADA: ANÁLISE GRÁFICA DE CAPAS DA REVISTA
ERA NOVA DE 1921 A 1925**

ALICE PEREIRA MELO

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, como requisito obrigatório na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico.

Orientador(a): Rafael Efrem

CABEDELO

2022

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

M528m Melo, Alice Pereira.

Modernidade Ilustrada: Análise gráfica de capas da revista Era Nova de 1921 a 1925. / Alice Pereira Melo. – Cabedelo, 2022.
94 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Superior em Tecnologia em Design Gráfico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

Orientador: Rafael Leite Efrem de Lima.

1. Análise gráfica. 2. Era Nova. 3. Capa de revista. I. Título.

CDU 655.28

ATA 49/2022 - CCSDG/DDE/DG/CB/REITORIA/IFPB

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO

Hoje, dia 27 de julho de 2022, às 18h, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, presente a Comissão Examinadora integrada pelos(as) Professores(as) Rafael Leite Efrem de Lima [orientador(a)], Vitor Feitosa Nicolau e Marília Gabriella Lima Lira da Silva, iniciou-se a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do(a) aluno(a) Alice Pereira Melo, Matrícula 201927010003, intitulado "Modernidade Ilustrada: Análise gráfica de capas da Revista Era Nova (1921-1926)". Concluída a apresentação, arguição e defesa oral do TCC, conforme disposição no Regimento do IFPB - Campus Cabedelo, procedeu-se ao julgamento na forma regulamentar, tendo a Comissão Examinadora considerado o(a) candidato(a) aprovado com a média 100 (cem).

Encerrada a sessão, foi lavrada a presente ata que vai acompanhada das notas de cada examinador(a), e assinada pela comissão julgadora.

Cabedelo/PB, 27 de julho de 2022.

A Comissão Examinadora

Prof. Me. Rafael Leite Efrem de Lima	Nota: 100 (cem)
Prof. Me. Vitor Feitosa Nicolau	Nota: 100 (cem)
Prof. Me. Marília Gabriella Lima Lira da Silva	Nota: 100 (cem)

NOTA REGIMENTAL:- Será considerado habilitado no TCC o candidato que obtiver a média maior ou igual a 70 (setenta);

- A emissão de parecer final dos examinadores poderá ser condicionada à efetivação de formulação necessária que não implique em alteração fundamental ao TCC;

- O documento com as reformulações deverá ser entregue à Comissão Examinadora/Coordenação do curso no prazo de 30 (trinta) dias sob pena de ser cancelada a defesa;

- Em caso de excepcional qualidade ou originalidade o TCC poderá merecer a menção honrosa da Instituição.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Rafael Leite Efrem de Lima** PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/07/2022 08:43:19.
- **Vitor Feitosa Nicolau**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 28/07/2022 14:44:29.
- **Marilia Gabriella Lima Lira da Silva** PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 10/08/2022 08:58:18.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 26/07/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código 319100
Verificador: 8ff4af0895
Código de Autenticação:



Agradecimentos

Agradeço e dedico este trabalho a meus pais, Ancelmo e Júlia, por me darem apoio e me auxiliar na realização de meus sonhos, trocar de curso não foi uma decisão fácil, mas com eles ao meu lado foi possível e mais fácil de acontecer. Aos meus irmãos, Verônica, Thiago e Beatriz também agradeço o suporte e companheirismo e a Miguel, meu sobrinho, por alegrar minha vida.

Meus amigos, Camila e José Neto por todo incentivo e amor que vocês me deram nesses oito anos de amizade, vocês foram o melhor presente que o curso de história me proporcionou, obrigada por estarem comigo nas fases mais importantes dos últimos anos.

Para Bruno e Leonardo, agradeço por ter conhecido vocês neste curso, por dividirem o sofrimento, angústia dos semestres, os trabalhos individuais que sempre viravam trio e pelas nossas ligações para conversar besteira e fofocar.

Aos amigos da ASCOM, Talita, Humberto, Alexandre e Rafael, pelos lanches e conversas no meio da tarde, por terem me incentivado nesse final de curso e muitas vezes me liberarem para que eu pudesse escrever este trabalho.

Por fim, agradeço ao meu orientador Rafael Efrem que me acolheu nessa segunda etapa, se entusiasmou com meu tema e me ajudou a desenvolver este trabalho de conclusão.

Póde-se, acaso, descrever o Amor?

_O Amor?

É a paz desejada em plena Guerra...

É a fusão de dois entes

em um só conjugados...

A só felicidade que na Terra

Deus concedeu aos seus crentes:

_os amorosos...os predestinados!...

_O Amor?

É uma coisa indefinida...

Era Nova, Parahyba, setembro de 1924, nº 69

RESUMO

O advento da modernidade no Brasil durante o final do século XIX e início do XX desencadeia diversos movimentos artísticos e políticos, dentre eles, o modernismo, suscitando mudanças em várias estruturas da sociedade. É a partir dessas alterações que se dará a construção da revista Era Nova (1921-1926), estabelecida na Paraíba e destaque do movimento na região. Ao observar seu caráter vanguardista nas técnicas de impressão, uso de ilustrações e fotografias, fica patente o interesse da revista em expressar modernidade. Com o objetivo de analisar como a modernidade foi construída visualmente nas capas da Revista Era Nova, a metodologia de análise adotada foi a modelo semiótico de Martine Joly (2007). A metodologia de pesquisa utilizada é a bibliográfica, baseada em autores a exemplo de Mônica Velloso (2006) e Alzira Rodrigues (2014) para discutir modernidade e modernismo e Aline Haluch (2003) para tratar sobre design editorial. Com a discussão sobre os signos de modernidade, espera-se contribuir para a preservação e construção da memória gráfica paraibana.

Palavras-Chave: Modernidade; Era Nova; 1920; Memória Gráfica; Paraíba; Parahyba

ABSTRACT

The advent of modernity in Brazil triggers several artistic and political movements, among them, modernism, causing changes in various structures of society. It is from these changes that the construction of the Era Nova magazine (1921-1926), established in Paraíba and a highlight of the movement in the region, will take place. Observing its avant-garde character in printing techniques, use of illustrations and photographs, the magazine's interest in expressing modernity is evident. In order to analyze how modernity was visually constructed on the covers of Revista Era Nova, the analysis methodology adopted was the semiotic model of Martine Joly (2007). The research methodology used is bibliographic, based on authors such as Mônica Velloso (2006) and Alzira Rodrigues (2014) to discuss modernity and modernism and Aline Haluch (2003) to discuss editorial design. With the discussion about the signs of modernity, it is expected to contribute to the preservation and construction of the graphic memory of Paraíba.

Key words: Modernity; Era Nova; 1920; Graphic Memory; Paraíba; Parahyba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Yoshiwara, Niwaka Festival. Kitagawa Utamaro, 1798	17
Figura 2: Tournée du Chat Noir de Rodolphe Salis. Théophile Steinlen, 1896	17
Figura 3: O Zodíaco. Alphonse Mucha, 1896	18
Figura 4: Busto de homem (O atleta). Pablo Picasso, 1909	19
Figura 5: As palavras em liberdades futuristas. Filippo Marinetti, 1919	19
Figura 6: Campari. Fortunato Depero, 1928	20
Figura 7: 'Os sobreviventes fazem a guerra!'. Käthe Schmidt Kollwitz, 1923.	21
Figura 8: Da-Dânhi, Hannah Hoch, 1919	21
Figura 9: Le blanc-seeing, René Magritte, 1965	22
Figura 10: Cartaz Nord Express, 1927, A.M Cassandre	23
Figura 11: Linha do tempo dos movimentos artísticos	23
Figura 12: Capa da revista Fon-Fon, ilustração por K.lixto, 1910	26
Figura 13: Desenho de J. Carlos para capa da revista Careta, 1942	26
Figura 14: Capa da revista D. Quixote, ilustração de Raul Pederneiras, 1925	27
Figura 15: Ferrovia próxima ao Rio Sanhauá, 1920.	29
Figura 16: Rua das Convertidas e do Comércio, atual Maciel Pinheiro, 1910	30
Figura 17: Jardim Público, atual Praça João Pessoa, 1910	31
Figura 18: Revista Careta, 1909, edição 37	33
Figura 19: Revista O Malho, 1902, edição A0014	34
Figura 20: Jornal das moças, 1914, edição 01, "Modas e modos"	35
Figura 21: Revista A Maçã, abril de 1922, edição no 08	36
Figura 22: Revista A Maçã, junho de 1922, edição no 20	36
Figura 23: Revista Bello Horizonte, 1933, número 03	37
Figura 24: Revista Bello Horizonte, 1933, número 05	38
Figura 25: A imprensa na Parahyba	39
Figura 26: Capa da edição número 1 da revista Alva, 1850	39
Figura 27: Capa da edição número 1 da revista Philippéa, 1905	40
Figura 28: Capa da revista Parahyba Agrícola, ano I, número 1	41
Figura 29: Capa da revista Parahyba Agrícola, ano I, número 1	42
Figura 30: Redação e administração da Revista Era Nova	43
Figura 31: Matéria Vida Alheia, Revista Era Nova, no 56, 1924	44
Figura 32: Revistas selecionadas para análise	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
PROBLEMA PRÁTICO	11
PERGUNTA DE PESQUISA	11
OBJETIVO GERAL	11
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
JUSTIFICATIVA	12
2. MODERNIDADE E MODERNISMOS	13
2.1. O DESIGN GRÁFICO E A MODERNIDADE	14
2.3. MODERNIDADE E MODERNISMOS NO BRASIL	23
2.3.1 MODERNIDADE E MODERNISMOS NA PARAÍBA	28
3. REVISTA ILUSTRADAS NO BRASIL	32
3.1. REVISTAS ILUSTRADAS NO INÍCIO DO SÉC. XX NO BRASIL	32
3.2. REVISTAS ILUSTRADAS PARAIBANAS	38
3.2.1. REVISTA ERA NOVA	42
4. METODOLOGIA	46
5. ANÁLISE	50
5.1. ANÁLISE DAS CAPAS	51
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

1. INTRODUÇÃO

O século XIX na Europa é conhecido por transformações no meio econômico e cultural, afastando-se do sistema feudal e concebendo a estruturação do capitalismo. Esses fatores incentivaram o êxodo da população rural para as cidades, que estavam se formando em todo o continente, inserindo ali um novo público, o consumidor .

A partir da aceleração da urbanização, surgem movimentos artísticos que englobam literatura, política, artes plásticas e questões sociais. A modernidade ocupa um espaço na história de ruptura com o passado, produzindo mudanças no modo de ser, agir e relacionar-se. Ocorrem no modo de vestir, na paisagem urbana, com a presença de trens, eletricidade e máquinas modernas, para Mônica Velloso (2006) a modernidade acontece como um processo contínuo e plural que resulta em vários movimentos e experiências.

É na Revolução Industrial¹ que a participação dos meios de comunicação na sociedade vai se intensificar. No design gráfico, Philip Meggs (2013) aponta que esse evento ocasionou a evolução das prensas gráficas ao longo do século XIX e XX, sendo adicionados componentes modernos como o vapor, que acelerou a produção, aliado ao desenvolvimento da fotografia e do cinema.

No contexto brasileiro, o ideal modernista exaltava a questão do ser brasileiro e o sentimento de atraso e inferioridade ao ser comparado com o resto do mundo. “A nacionalidade brasileira aparecia como uma espécie de elo fraco da corrente.” (Velloso, 2006, p.355). A modernidade entra na questão do desenvolvimento dos engenhos e da produção de café, no qual a oligarquia rural, segundo Maria Lúcia Kern (1984), vai apoiar e financiar o movimento artístico no país, havendo certo domínio sobre sua construção. Apesar da permanência do pensamento conservador e autoritário no Brasil, o modernismo ocupou um espaço importante na história do Brasil, desenvolvendo um resgate à cultura e tradições.

¹A Revolução Industrial ocorreu na Inglaterra a partir de 1780, para Hobsbawm (1977) este foi um período de transformações econômicas, no qual máquinas passaram a substituir parte do trabalho manual e o lucro passou a ser o objetivo final.

Antes da Semana de Arte Moderna² ocorrida em São Paulo no ano de 1922, já havia uma mobilização em relação ao pensamento moderno no Brasil, com a participação de literários como Tobias Barreto, Graça Aranha e Euclides da Cunha. Velloso (2006) afirma que a relação entre a Semana de Arte moderna e o modernismo não possibilitou a devida atenção à reprodução do movimento em outras regiões.

No início do século XX a produção de revistas no Brasil seguiu o ritmo da modernidade, com publicações direcionadas a novos grupos e a associação de texto e imagem de forma ativa. Surgem periódicos em cidades como o Rio de Janeiro, Salvador, Recife e João Pessoa, a exemplo da revista *Era Nova* na Paraíba e a revista *Arco e Flexa* em Salvador. Mônica Velloso (2006) anuncia uma pluralidade de vertentes e expressões do modernismo, no qual cada um seguia ritmo e concepções diferentes. O movimento exaltava o novo pelo novo, com ânsia pela mudança e pela modernidade.

Na Paraíba, como dito anteriormente, a revista ilustrada *Era Nova* circulou durante os anos de 1921 a 1926, fundada na capital, à época, Parahyba do Norte, se consagrou como padrão do movimento no estado. Alzira Rodrigues (2014) descreve que o diretor Severino Lucena, filho do governador Solon de Lucena, e o redator chefe Guimarães Sobrinho tinham como ideia central para o periódico a condução da sociedade paraibana para a modernidade, abordando assuntos políticos, literários e de ordem social. A autora ressalta o caráter vanguardista da revista, na utilização de papel couché e policromia nas impressões, além do uso de grafismos, ilustrações e fotografias em grande quantidade, em concordância com as propostas modernistas. Rodrigues (2014) ainda complementa sobre a clareza dos editores quanto à importância e função da capa e uso de tipografias, a fim de atrair o interesse de seus leitores.

Ao analisar periódicos e estudar trabalhos anteriores à efetivação da profissão designer, contribuimos para o entendimento da formação da classe e dos estilos aplicados e desenvolvidos ali. Documentos impressos indicam aspectos de como a sociedade ou determinado local se comportavam, por meio de seus escritos, imagens e formas, ao explorá-los nos inserimos na cultura e na memória de uma sociedade passada, assim, a partir da pesquisa

²Segundo José Lúcio Medeiros (2012), A Semana de Arte Moderna se consagrou como referência do movimento e da renovação artística brasileira, seu objetivo era romper com as tradições do passado por meio da arte.

acerca da memória gráfica, segundo Bruno Veríssimo (2020), colaborar para o entendimento além do campo do design nos faz perceber os personagens que participaram da construção, a interação com o público e as influências da sociedade sob sua execução. Os materiais produzidos ao longo do tempo possuem funções sociais distintas, levando consigo visões distintas, cada uma influenciada pelo período e ambiente que está inserido.

Ao longo do trabalho, iremos fazer um apanhado de como o modernismo e a modernização alteraram concepções sociais na arte e no design. Conectado a reprodução desses acontecimentos nas revistas ilustradas no Brasil e na Paraíba, exibindo em suas composições ilustrações e fotografias que resguardavam a história local ao mesmo tempo que possuíam o papel de disseminar o progresso proposto.

Vamos nos ater a realização de pesquisa bibliográfica e análise da imagem com a finalidade de compreender a construção da Revista Era Nova a partir dos signos da modernidade, além de contribuir para o desenvolvimento da memória gráfica paraibana, observando suas transformações ao longo do tempo. Portanto, diante da necessidade de entender o papel da Revista Era Nova no cenário gráfico paraibano, temos como objetivo compreender os recursos visuais normalmente associados a modernidade no design gráfico a partir da análise da imagem com base na semiótica de Martine Joly (2007) e identificar como esta foi traduzida visualmente nas edições da revista.

PROBLEMA PRÁTICO

Poucos estudos envolvendo design e produtos editoriais paraibanos durante a década de 1920.

PERGUNTA DE PESQUISA

Que influências do modernismo são percebidas nas capas da revista ilustrada paraibana Era Nova?

OBJETIVO GERAL

Analisar como o conceito de modernidade foi representado e construído visualmente nas capas da Revista Era Nova (1921-1925).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender as modificações na sociedade paraibana advindas do discurso da modernidade;
Entender o papel da Revista Era Nova no cenário gráfico paraibano;
- Compreender os recursos visuais normalmente associados ao modernismo no design gráfico.

JUSTIFICATIVA

A modernidade trouxe consigo questões e experiências específicas do período, transformou a sociedade e suas concepções acerca das tradições e da formação de uma identidade nacional. Esse conflito influenciou produções artísticas, entre elas a construção de revistas na década de 1920, expondo tendências e acontecimentos em suas ilustrações e fotografias.

Este projeto procura compreender os aspectos e características dos elementos utilizados na Revista Era Nova (1921-1926) a fim de perceber os símbolos do período vivido. Aline Haluch destaca o papel do design em que “espelha as condições da sociedade na qual está inserido” (HALUCH, 2003, p.120), confirmando ainda a importância da década de 1920 na mudança de pensamentos e comportamentos como também do estudo da memória gráfica local.

Ao percebermos a presença de poucos estudos envolvendo design e produtos editoriais nesse período e na Paraíba, este projeto visa contribuir para preservação e entendimento da produção gráfica paraibana na década de 1920, tendo a revista Era Nova (1921-1926) como fonte primária, considerando assim, as influências da época em sua elaboração.

2. MODERNIDADE E MODERNISMOS

O século XVIII e XIX na Europa foi marcado por rupturas culturais e intelectuais, influenciadas principalmente pelas Revoluções Francesa (1789) e Industrial (1780), alterando a ordem sociocultural. Renato Ortiz (1998) afirma que com as alterações da primeira, o fim do feudalismo, divisão em propriedades privadas, pagamento de salários, influiu no desenvolvimento do capitalismo, que possui relação direta com a segunda.

Marshall Berman (2007) ressalta as mudanças das paisagens, agora urbana, com o aparecimento de novas tecnologias como a eletricidade, automóveis, ferrovias e máquinas a vapor e de grande porte. Um novo conjunto de experiências se instalava, transformando tudo ao redor, exalava o pensamento de “sentir-se como as primeiras, e talvez as últimas a passar por isso” (2007, p.15).

No trabalho, nas pinturas e no teatro, as alterações vindas do século anterior tomam espaço e crescem desmedidamente no século XX. Berman (2007) chama atenção para a criação de ofícios que há pouco tempo não existiam, incluindo o design³, além da concepção de mídias eletrônicas e novas disciplinas científicas.

O aumento da população nas cidades ocorre em ritmo variado no continente europeu, mas esse acontecimento foi de grande importância para o desenvolvimento da modernidade, principalmente na Inglaterra. Ao surgir, a modernidade é estimulada por uma crescente difusão de pensamentos individualistas e racionais, procurando a organização da sociedade proposta pelos iluministas. Ao longo do tempo, segundo Maria Lúcia Kern (1984), esta passa a ter novos significados, sendo sinônimo de mudança, instabilidade e tensão, atrelada à necessidade de possuir o novo.

Kern (1984) traz o pensamento de Jurgen Habermas, no qual a modernidade direciona para pensamentos à frente do período vivido, se opondo a tradições e dedicando-se ao novo, ao futuro. O modernismo vai despontar a partir da euforia provocada pelo moderno, “o modernismo é, portanto, o culto da atualidade mutável” (KERN, 1984, p. 153).

O antigo e o moderno são conceitos que não se podem separar, um necessita do outro para se constituir, sendo o primeiro visto como referência

³ Berman (2007) já nomeia a profissão como design, mas este ofício ao longo da história já recebeu nomes como desenhista, artista comercial e outros.

para o segundo, no qual é considerado mutável, o tempo presente. “A modernidade é passado/presente, integrando novidade e curiosidade à celebração do antigo” (VELLOSO, 2010, p. 16). A modernidade é então, uma consequência do progresso, da expansão capitalista e industrial.

Quanto ao modernismo, Mônica Velloso (2010) afirma que o movimento se divide em diversas expressões e propostas filosóficas, fragmentado entre a exaltação do espírito moderno, o experimentalismo e o construtivismo. Os artistas procuravam compreender os acontecimentos do período, que ocorriam de forma acelerada, passando para seus trabalhos as influências e consequências das mudanças ali postas.

O movimento artístico vai renovar a percepção das tradições, surgindo em regiões e períodos diferentes, sua diversidade vai se incorporar a base da cultura ocidental, mudando o senso estético da sociedade envolvida.

2.1. O DESIGN GRÁFICO E A MODERNIDADE

O processo de modernização social e dos meios de produção ocasionou o crescimento da população urbana na Europa durante o século XIX, fazendo emergir novas necessidades como acesso à informação e lazer. A modernidade com seu ritmo acelerado exigiu meios de comunicação mais dinâmicos e de massa, procurando muitas vezes causar um impacto visual em seu público.

A Revolução Industrial possibilitou o desenvolvimento de modos de impressão mais ágeis, como a litografia. Segundo Philip Meggs, esta técnica “gerava lâminas diretamente dos esboços do artista e produziam imagens e letras limitadas apenas por sua imaginação” (2013, p. 176), permitindo o uso de cor em maior volume, produzindo materiais direcionados a novos conjuntos da sociedade.

O surgimento de novas tipografias nesse período despertou certa competitividade entre os responsáveis, o que intensificou a criatividade e produção, resultando na confecção de tipos nos estilos egípcio, sem serifa e os gordos. A prensa tipográfica também se adaptou às questões da modernidade, seu aperfeiçoamento era constante a fim de aumentar o número de impressões realizadas em menor tempo. Meggs (2013) relata o desenvolvimento da prensa a vapor por Friedrich Koenig em 1810, como também a patente de William Cowper que poderia reproduzir 2400 páginas em uma hora.

Por toda Europa e América do Norte, os impressos de livros e jornais começaram a aposentar as impressoras manuais e substituí-las por equivalentes a vapor. [...] Nos anos 1830 a imprensa iniciou uma vertiginosa expansão, e proliferou a impressão de jornais, livros e anúncios comerciais (MEGGS, 2013, p. 182).

A criação da máquina de linotipo em 1886 por Ottmar Mergenthaler possibilitou a automação da caixa de tipos, foi mais uma tecnologia que contribuiu para a expansão do mercado editorial. “A linotipo desencadeou um surto de produção de periódicos, e os semanários ilustrados, entre os quais o Saturday Evening Post e o Collier’s, alcançavam público de milhões na virada do século” (MEGGS, 2013, p.184).

Na segunda metade do século XIX a fotografia passou por diversas transformações dentro do campo editorial, sendo transposta em xilogravuras até o início do uso de retículas de meio-tom na década de 1880. Meggs (2013) afirma que no início do século XX esta passa a ter grande importância na área, documentando acontecimentos históricos e abrindo espaço para a ilustração mais lúdica e ficcional. Com o desenvolvimento dos métodos de impressão, os designers passaram a ter maior liberdade artística, o que ocasionou a expansão e novos estilos. O Vitoriano se inspirou na história para construir seus elementos e o Art Nouveau que utilizava motivos elegantes inspirados na natureza a partir de linhas livres e figuras de mulheres, sendo um estilo abrangente ao se desdobrar na arquitetura, design gráfico, de móveis e na moda.

Meggs (2013) afirma que ao final do século XIX houve uma maior aproximação entre o continente europeu e o asiático, as duas culturas bastantes diferentes passaram a se influenciar concomitantemente, no uso de cores, traços e espaços na tela. O nome Art Nouveau surgiu em 1895 na galeria *Salon de l’Art Nouveau* em Paris, no qual eram expostos trabalhos de artistas japoneses e americanos, ou seja, a nova arte na Europa.

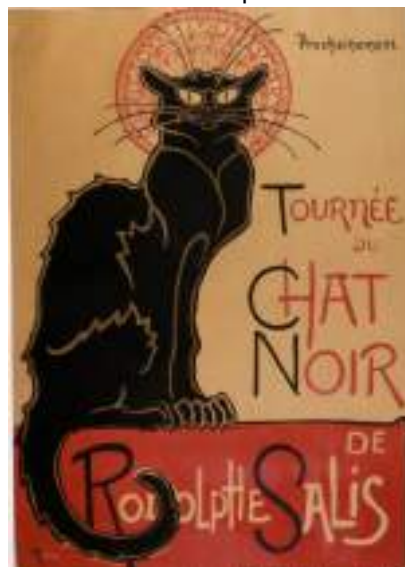
Figura 1: Yoshiwara, Niwaka Festival. Kitagawa Utamaro, 1798.



Fonte: Google Artes e Cultura. Disponível em:
<https://artsandculture.google.com/asset/yoshiwara-niwaka-festival-kitagawa-utamaro/wwG8SCOJrzv02Q?hl=pt-BR>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

Nos primeiros anos, conforme afirma Meggs (2013), a arte japonesa influenciou bastante o Art Nouveau, utilizando-se de técnicas de pintura e impressão de cartazes com cores chapadas. Vai ser a partir de 1895 que o estilo passa a se caracterizar em sua forma mais conhecida, a figura feminina ao centro envolta de flores, pássaros e outros elementos da natureza, em sua maioria baseados nos desenhos de Alphonse Mucha.

Figura 2: Tournée du Chat Noir de Rodolphe Salis. Théophile Steinlen, 1896



Fonte: Google Artes e Cultura. Disponível em:
<https://artsandculture.google.com/asset/tourn%C3%A9e-du-chat-noir-de-rodolphe-salis-tour-of-rodolphe-salis-chat-noir-th%C3%A9ophile-alexandre-steinlen/BAEF9F-mDJvr0A?hl=pt>
 Acesso em: 20 de maio de 2022.

É considerado como período de transição da era Vitoriana, com formas pragmáticas e geométricas, para o modernismo e suas experimentações artísticas. Estimulou o desenvolvimento de estilos como o da Escola de Glasgow e a Secessão Vienense, no qual absorveram suas formas orgânicas, curvas e elementos florais, misturadas à formas retilíneas.

Figura 3: O Zodíaco. Alphonse Mucha, 1896.



Fonte: Dasartes. Disponível em:<https://dasartes.com.br/materias/alphonse-mucha>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

O art nouveau é o ponto de partida para o desenvolvimento do movimento modernista na Europa, para Meggs (2013), o estilo gerou no início do século XX o sentimento de inovação, permitindo novas inspirações para criação, não se restringindo a cópias e sim a criação de formas. A arte moderna vai modificar os conceitos tradicionais da arte e design ocidental, a influência das transformações sociais, das guerras e dos meios de comunicação são observados em movimentos como o cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo, art déco e surrealismo.

O cubismo possui como principal expoente Pablo Picasso ao lado de Georges Braque por volta de 1907, empregando influências da cultura africana, como as máscaras, de figuras geométricas e novos planos de perspectiva. “As figuras são abstraídas em planos geométricos, e as normas clássicas para a figuração humana são abolidas” (MEGGS, 2013, p. 315). Outro destaque do cubismo foi Paul Cézanne, para John Golding (2000) este aplicava em suas telas objetos em formas condensadas, contribuindo para a percepção de solidez, além do uso de distorção e simplificação das formas.

Figura 4: Busto de homem (O atleta). Pablo Picasso, 1909.



Fonte: Google Artes e Cultura. Disponível em:
<https://artsandculture.google.com/asset/busto-de-homem-o-atleta/eAE-UFxZhpn69w>.
Acesso em: 02 de junho de 2022.

O manifesto do futurismo escrito por Filippo Marinetti em 1909 apresentou seus ideais contra tradições, exaltando a vida moderna e a velocidade que essa gerava, quebrando a harmonia visual em ilustrações que simulavam explosões. Segundo Philip Meggs (2013), este movimento utilizava em suas composições cores e tipografias em abundância, procurando representar sons e desordem. “Pinturas futuristas testaram e provaram a possibilidade de usar arte como meio de captar aspectos, tanto não visuais quanto visuais, de um meio ambiente reconhecido como dinâmico e não como estático” (LYNTON, 2000, p.89).

Figura 5: As palavras em liberdades futuristas. Filippo Marinetti, 1919.



Fonte: Coleção de imagens da Biblioteca de Finas Artes. Disponível em:
http://dla.library.upenn.edu/dla/fisher/image.html?q=filippo%20marinetti&start=50&id=FISHER_n2006053068&.

Acesso em: 02 de junho de 2022.

No design gráfico, o futurismo teve como principal representante Fortunato Depero que implementou o movimento nos cartazes e anúncios que produzia. Meggs (2013) afirma que o pintor teve grande influência nos Estados Unidos, publicando o “Depero Futurista” onde compilou seus trabalhos e experiências artísticas.

Figura 6: Campari. Fortunato Depero, 1928.



Fonte: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Disponível em:
<http://www.mac.usp.br/mac/expos/2016/depero/galeria>

Acesso em: 02 de junho de 2022.

O expressionismo tem como premissa a exteriorização de sentimentos subjetivos, que não estavam à vista, se desenvolveu na arte plástica, teatro,

cinema e literatura. A Alemanha foi berço do movimento, Nibert Lynton (2000) afirma que utilizavam tintas e texturas espessas para evidenciar as cores e formas desenvolvidas. O grupo Die Blaue Reiter preocupava-se em inserir em seus trabalhos questões sociais e psicológicas, enquanto artistas como Ernst Ludwig Kirchner, Herick Heckel, Karl Schmidt-Rottluff e Fritz Bleyl formavam o chamado jovens do Die Brücke, eles procuravam dar um significado espiritual a seus trabalhos, se desvincilhando de teorias e estimulando a criação.

Figura 7: Cartaz 'Os sobreviventes fazem a guerra!', Käthe Schmidt Kollwitz, 1923.



Fonte: MEGGS, 2013, p. 339

Segundo Dawn Ades (2000), dadaísmo ou dadá surgiu na Suíça por Hugo Ball em 1916, o cabaré que administrava reunia diversos jovens artistas, entre eles Tristan Tzara, tornando ali um expoente de pintores, poetas e músicos que seguiam os princípios do movimento, se espalhando rapidamente por toda a Europa e América do Norte. Meggs (2013) expõe que o uso de colagens, tipografias no formato de personagens e frases formavam cartazes, revistas e jornais revolucionários.

Figura 8: Da-Dânhi, Hannah Hoch, 1919.



Fonte: MEGGS, 2013, p. 329.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) estimulou o sentimento de insatisfação dos artistas para com os governantes e a burguesia, se posicionando contra a arte produzida para venda e tradições, em busca de uma liberdade absoluta. Na Alemanha, John Heartfield, Wieland Herzfelde e George Grosz usavam seus meios para protestar contra os nazistas e “elevar a consciência do público e promover a mudança social” (MEGGS, 2013, p. 330).

Se colocando como oposto ao dadaísmo, o surrealismo vai renunciar ao pensamento racional, o manifesto do surrealismo escrito por André Breton em 1924 manifestava a arte natural, espontânea, “o pensamento ditado na ausência de todo o controle exercido pela razão, e à margem de qualquer preocupação estética ou moral” (BRETON *apud* ADES, 2000, p.98), visando a “escrita automática”, dando assim, liberdade a imaginação.

Figura 9: Le blanc-seeing, René Magritte, 1965.



Fonte: MEGGS, 2013, p. 337

Segundo Meggs (2013), o art déco teve seu auge no período entre guerras, durante as décadas de 1920 e 1930. Influenciada a partir de estilos como o art nouveau, cubismo e Bauhaus⁴, apoderou-se das formas geométricas para expor a modernidade. “Geometria aerodinâmica, ziguezagueante, moderna e decorativa - esses atributos eram usados para expressar a era moderna da máquina e ainda satisfazer a paixão por decoração” (MEGGS, 2013, p. 359).

Figura 10: Cartaz Nord Express, 1927, A.M Cassandre



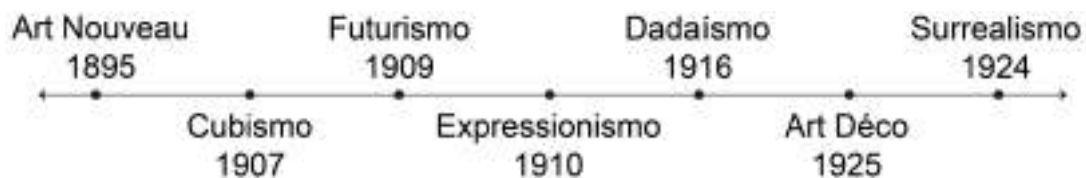
Fonte: MEGGS, 2013, p.365

⁴ A Bauhaus criada em 1919 visava unir uma arte simples à funcionalidade da forma, contribuiu para o desenvolvimento do design gráfico moderno e da tipografia.

José D'elboux (2013) afirma que o estilo teve grande aceitação internacional devido a fácil adaptação cultural e utilização extensa na arquitetura, artes plásticas e meios de comunicação. O uso de elementos gráficos no art déco incorpora requinte e simplificação ao uso de formas, filetes, seguindo um estilo industrial em suas composições.

Exposto abaixo temos uma linha do tempo construída para melhor compreensão da datação dos movimentos artísticos destacados aqui, começando com o art nouveau e finalizando com o surrealismo.

Figura 11: Linha do tempo dos movimentos artísticos



Fonte: Do autor

Estilos como o art nouveau e o art déco influenciaram a construção da arte moderna, somadas às mudanças ocorridas no início do século XX, os artistas procuravam expressar suas insatisfações acerca da ordem e valores sociais. Meggs (2013) afirma que o cubismo, futurismo, dadaísmo, surrealismo e expressionismo foram determinantes para a construção da arte e do design gráfico no século XX.

2.3. MODERNIDADE E MODERNISMOS NO BRASIL

As mudanças causadas no final do século XIX e início do século XX no Brasil interferiram em sua cultura, costumes e experiências, adaptando-se à modernidade e seguindo as principais tendências vindas da Europa. A industrialização, que estava em processo de consolidação, transformou rapidamente os ambientes sociais e o ritmo de vida da população, em busca de expandir o mercado capitalista.

A modernidade chega no país por meio do desenvolvimento da produção nos engenhos e no café, além da abolição da escravatura que possibilitou o crescimento da população urbana e de consumo. A industrialização se expandiu inicialmente em São Paulo, o que segundo Maria

Lúcia Kern (1984) incentivou a procura pelo estilo de vida moderno, atualizando-se culturalmente e fomentando a concepção de uma identidade nacional.

Tais acontecimentos resultaram na formação do movimento modernista no país, sendo apoiado pela oligarquia rural, e na Semana de Arte Moderna em 1922, que vai se ater a formação da arte e da cultura brasileiras. Suas fontes de inspiração vão partir das vanguardas europeias, principalmente a francesa. Movimentos como o expressionismo, fauvismo, cubismo e surrealismo estão presentes de maneira superficial segundo a autora.

A modernidade é cantada pelos modernistas como um meio de salientar as mudanças ocorridas em São Paulo e o seu cosmopolitismo, segundo eles, comparável a Paris, afirmando, assim, a necessidade de uma arte mais atualizada e moderna (KERN, 1984, p. 157).

Houve uma centralização do movimento em volta de São Paulo na década de 1920, o que acabou por abafar as expressões modernistas de outras regiões, com suas próprias vertentes, concepções e particularidades. É importante compreender o modernismo como um movimento contínuo em todo século XX, considerando a simultaneidade, continuidade e pluralidade dos acontecimentos.

Mônica Velloso (2006) apresenta uma construção do movimento no Brasil desde 1870 com a guerra do Paraguai marcando a divisão entre antigo e moderno. Naquele momento, na Faculdade de Direito do Recife, Tobias Barreto liderava a discussão da integração do Brasil com a cultura ocidental, procurando definir o que seria ser brasileiro.

Velloso (2006) afirma que para construir essa identidade foi preciso explorar as diversas culturas presentes no país e esse “resgate da diversidade cultural constituiu-se em impulso decisivo para a modernização” (VELLOSO, 2006, p.357).

O modernismo se finda como uma combinação de tradições, brasileiras e europeias, procurando conciliar o contexto cultural e político brasileiro com os valores modernos vindo do outro continente. Essa perspectiva levou a questionamentos do ser brasileiro e da ponderação entre tradições e modernidade. Segundo Velloso (2006), se iniciou com o Manifesto da Poesia do Pau Brasil (1972) por Oswald de Andrade aspirando a atualização da cultura nacional, para em um segundo momento se pensar na brasilidade.

O Rio de Janeiro, como capital federal, possuía todo um centro cultural instaurado, o autor expõe que por a cidade abrigar instituições como a Academia Brasileira de Letras e a Academia Nacional de Belas Artes os artistas da Semana de Arte Moderna rejeitaram a cidade por desejar romper com tudo que havia sido produzido anteriormente. O Rio dispunha das mais altas tecnologias, cinematógrafo, fonógrafo, fotografia e uma imprensa que adaptava-se a essas transformações.

O grupo dos boêmios representaram o modernismo no Rio de Janeiro. Velloso (2006) apresenta que a partir de uma linguagem humorística e satírica valorizavam os ideais da liberdade, descomprometimento e individualismo. Utilizavam como principal meio de comunicação os jornais e as revistas ilustradas e a caricatura foi responsável pela expressão do movimento. Artistas como Kalixto, figura 03, J. Carlos, figura 04 e Raul Pederneiras, figura 05, eram os mais conhecidos.

Figura 12: Capa da revista Fon-Fon, ilustração por K.lixto, 1910.



Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8643/k-lixto>.
Acesso em: 08 de fevereiro de 2022

Este grupo identificava-se com as camadas mais populares, reproduzindo-os em suas ilustrações e artigos, atingindo essa classe por comunicar visualmente os acontecimentos sociais, apresentando a modernidade ali instaurada para uma comunidade não letrada. As revistas humorísticas, independentemente de criticar muitas vezes o modernismo e a modernidade, se mostram como um instrumento fundamental desse

movimento. As imagens ocupavam o lugar dos textos, falando por si, como relata Mônica Velloso (2006).

Figura 13: Desenho de J. Carlos para capa da revista Careta, 1942, edição nº 11.



Fonte: Instituto Moreira Salles. Disponível em:
<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/o-acervo-de-j-carlos>
Acesso em: 08 de fevereiro de 2022.

Apesar das alterações na ordem social, a modernidade em seu princípio se mostrou bastante excludente, sendo dirigida em sua maioria pela e para a elite, nobreza e burguesia se fundem, a urbanização faz emergir novas classes, no qual a modernidade se instaura ao mesmo tempo que permanece com práticas conservadoras.

Um grupo que se pretende moderno, porém, apenas o é nas aparências.[...]. Essa particularidade das práticas dos setores que detêm o poder econômico ficou consagrada como “modernização conservadora”, a qual seria a marca das elites brasileiras. (MENEZES, 2012, p. 171).

Figura 14: Capa da revista D. Quixote, ilustração de Raul Pederneiras, 1925, edição nº 436.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=095648&pesq=&pagfis=12080>
 Acesso em: 08 de fevereiro de 2022

Aracy Amaral (2012) relata na América Latina a existência do chamado “movimento pendular, sístole, diástole”, que consiste no sentimento de dualidade presente nos artistas daquele período, no qual seria a preocupação de fortalecer uma identidade nativa, construir a brasilidade ao mesmo tempo que anseiam uma renovação artística seguindo influências dos grandes centros.

Essa renovação, segundo a autora, seria a partir de uma concepção de ideias europeias, principalmente francesa. Movimentos artísticos como o cubismo, expressionismo, futurismo, dadaísmo, surrealismo e em destaque o art déco, inspiraram as produções modernistas no Brasil durante as décadas de 1920 e 1930.

Assim, podemos perceber os fatores que influenciaram as produções da época, seja artística ou gráfica, a questão da identidade nacional em conflito com as inspirações europeias, contribuindo para a construção de um modernismo plural em todo Brasil.

2.3.1 MODERNIDADE E MODERNISMOS NA PARAÍBA

A modernidade chega na Paraíba de maneira diferente quando comparada ao resto do mundo, Gervácio Aranha (2003) identifica que para estudarmos a vida moderna no Nordeste do Brasil, é necessário entender que não houve um movimento nas mesmas proporções de cidades como Londres e Paris, havia um limite físico quanto ao tamanho dos municípios. Assim, a experiência urbana deve ser analisada a partir do imaginário, dos símbolos da modernidade ali inseridos.

Na Paraíba, a modernidade vai ser vista em vários âmbitos da sociedade. A atualização dos meios de transporte e comunicação, a criação de praças e parques, como também a instalação de redes de esgoto e iluminação pública. Uma perspectiva distinta das multidões que circulavam as grandes metrópoles.

Trata-se de considerar que a idéia de modernidade, no espaço regional de apreço, se configura menos por cenários urbanos marcados pela agitação frenética no cotidiano das ruas com seu *rush* característico, e mais por uma ou outra novidade vinda do estrangeiro, a exemplo das que remetem à idéia de conforto e/ou rapidez e que se passam ao imaginário como signos modernos por excelência. (ARANHA, 2003, p. 87)

Um dos símbolos da modernidade vão ser as linhas férreas que passam a ligar cidades e estados em todo o Nordeste, na primeira década do século XX, João Pessoa, a época Parahyba do Norte, Recife, Natal e Maceió já estavam interligadas, a ferrovia localizada próxima ao Rio Sanhauá é um exemplo da efetivação de tal atividade (figura 7). As estações de trem segundo Aranha (2003) vão se tornar espaços de sociabilidade, no qual as pessoas esperam ansiosamente notícias do mundo.

Figura 15: Ferrovia próxima ao Rio Sanhauá, 1920.



Fonte: Acervo Humberto Nóbrega *apud* SOARES (2018)

Os trens possibilitaram maior rapidez no serviço de correios, o que ocasionou a diminuição na entrega de correspondências e jornais por assinatura em regiões afastadas da capital. As pequenas comunidades do interior passam a ser impactadas com as notícias do mundo, principalmente no início do século com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), chegando em tão pouco tempo, o que antes levavam 10 dias, passam para 4 dias e, logo mais, diariamente.

Gervásio Aranha (2003) traz as considerações de Benévolo (1953), o qual afirma que as estradas de ferro contribuíram para a disseminação de ideias progressistas por meio dos periódicos que passaram a circular ali, opiniões a favor da modernização e da abolição da escravatura. Ao falar da cidade de Itabaiana, o autor menciona que gerou-se o hábito de ler jornais e revistas de outras cidades, não se restringindo a Paraíba e Pernambuco, mas incluindo exemplares da Fon Fon, O Malho e a Moda Parisiense nas primeiras décadas do século XX.

Outro símbolo da modernização no estado foi a chegada dos telégrafos e telefones. Eles surgem no mesmo período das linhas férreas, aproveitando sua estrutura, possibilitando a comunicação em tempo real. Sem precisar sair de casa, possuía-se acesso ao mundo civilizado. A Bahia e a cidade de Recife foram as primeiras a receber o telégrafo no Nordeste em 1873. Logo depois foi possível a instalação em capitais próximas, como a Parahyba em 1876 e em seu interior apenas em 1896. O autor afirma que algumas pessoas foram contra a instalação de rede de telefonia na capital, por esta ser pequena e as informações se espalharem rapidamente, vendo apenas a necessidade da comunicação estabelecida com o Porto de Cabedelo. “Isto significa que o habitante da capital paraibana, mesmo em condições de *pagar a conta*, não dispõe de serviço de telefonia” (ARANHA, 2003, p.110).

A partir de 1912 começam a ser instalados cabos de energia elétrica na Paraíba. Aranha (2003) afirma que Parahyba do Norte e Itabaiana foram as primeiras a serem contempladas. Em 1916 acrescentaram à lista Sapé, Guarabira e Bananeiras. Apenas em 1920 o sistema passa a ocupar outras localidades, incluindo a cidade de Campina Grande, sendo utilizada anteriormente a iluminação a base de querosene. A luz elétrica passa a ser vista como uma evolução segura devido a incêndios causados pelo método

anterior. Sua instalação também possibilitou novo funcionamento do ritmo social, indústrias, lojas e locais de lazer, fez a população ocupar a cidade após o crepúsculo criando novos meios de sociabilidade.

Esse novo ritmo fortaleceu o comércio. Waldeci Chagas (2004) afirma que a divulgação em jornais e revistas dos signos da modernidade, como as vestimentas, a presença em locais como o teatro, cinema e artigos de luxo estimularam o consumo. “Incorporar esses hábitos ao cotidiano significava estar em dia com o novo tempo. [...] Vestir-se com uma cambraia de linho, casimira ou seda era um denotativo de elegância e da nova condição” (CHAGAS, 2004, p.122).

Chagas (2004) expõe que o melhor local para encontrar os artigos mais modernos era o bairro do Varadouro, circulando pelas ruas da República, Maciel Pinheiro, Barão do Triunfo e outras adjacentes. Funcionavam ali lojas de roupas, farmácias, tabacarias, livrarias, concentrando a circulação da população na área.

Figura 16: Rua das Convertidas e do Comércio, atual Maciel Pinheiro, 1910



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico da Paraíba *apud* CHAGAS (2004, p. 124)

A inserção nessa esfera da modernidade pelas classes mais altas levou a ocupação de novos espaços como as praças e os jardins públicos, a programação dos eventos a serem realizados ali eram amplamente divulgados nos periódicos. Preencher esses lugares era sinal de liberdade e servia de cenário para exibir seus artigos modernos. Segundo Chagas (2004), locais de lazer como a Praça Pedro Américo passaram por reformas para se adaptar a essa nova funcionalidade, calçadas foram alargadas, árvores podadas e coretos construídos a fim de promover bem-estar a seus visitantes.

Figura 17: Jardim Público, atual Praça João Pessoa, 1910.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico da Paraíba *apud* CHAGAS (2004, p. 144)

A presença desses símbolos e tentativas de se adequar a modernidade levaram a elite paraibana a novas práticas que modificaram sua forma de portar, relacionar e comunicar. Essas transformações foram estampadas e abordadas em jornais e revistas do estado, revelando os costumes e discursos perpetuados nesse período.

3. REVISTA ILUSTRADAS NO BRASIL

3.1. REVISTAS ILUSTRADAS NO INÍCIO DO SÉC. XX NO BRASIL

A partir da Primeira República (1889-1930), ocorreram mudanças significativas na imprensa brasileira, as novas tecnologias propiciaram edições mais recorrentes e abordagens direcionadas às massas. Com a melhora na qualidade de impressão, foi possível adicionar cada vez mais ilustrações e fotografias.

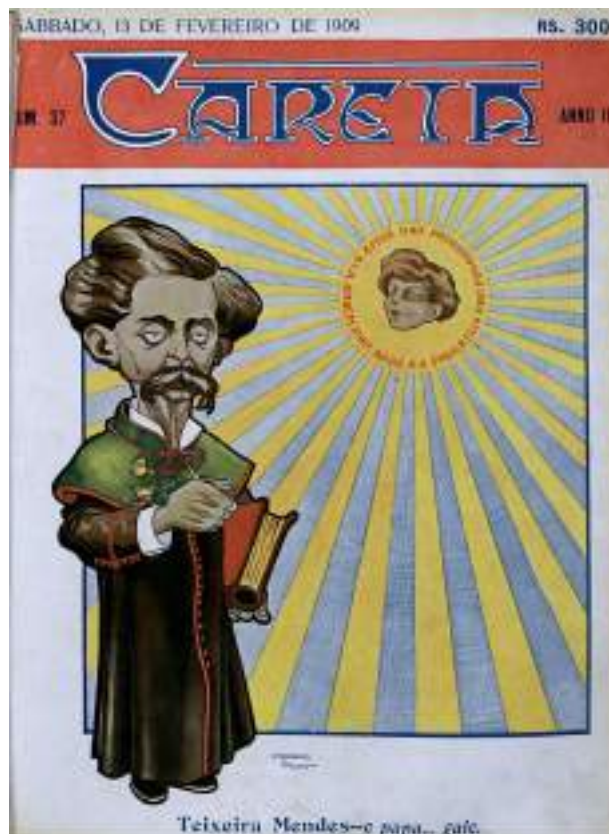
As transformações em todo o país foram retratadas nos meios de comunicação da época, principalmente direcionadas às elites. As revistas abordavam temas como política, esportes e sociedade.

Para Maria de Lourdes Eleutério (2012) apesar da curta duração de grande parte das revistas do período, elas foram essenciais para o desenvolvimento do design gráfico. O uso desses recursos imagéticos contribuíram para disseminação de informação devido à alta taxa de analfabetismo no início do século, elas expuseram as mudanças urbanas ocorridas e as tendências da moda.

As revistas ilustradas segundo Ilka Cohen eram responsáveis pela distração e prazer social, trazendo a cada edição novidades e mudanças, “abrindo uma era em que tudo parecia possível” (2012, p.111), foram agentes ativos na disseminação do moderno de forma leve e diversificada.

Existiam periódicos com variadas abordagens temáticas, seja sobre agronomia, religiosas, infantis ou até mesmo esportivas, os gêneros que mais se desenvolveram segundo Cohen (2012) foram as de humor e as direcionadas ao público feminino.

Figura 18: Revista *Careta*, 1909, edição 37.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=083712&pagfis=191>

Acesso em: 31/01/2022

As revistas humorísticas por meio de sátiras e caricaturas relataram os acontecimentos políticos e sociais, discutindo temas complexos, tais como a falta de estrutura da cidade e o aumento no custo de vida. Entre os exemplares que mais se destacaram estão *Careta* (1908), representado na figura 06, *O Malho* (1902), na figura 07 e *Tagarela* (1915).

Como bonecos de ventrículo, esses personagens traduziam com ironia e humor as opiniões de seus autores, dando conta, ao mesmo tempo, do universo impregnado de elementos culturais de procedência diversa, retratando uma sociedade que procurava sua identidade na pluralidade existente. (COHEN, 2012, p. 116)

Figura 19: Revista O Malho, 1902, edição A0014.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pagfis=302>

Acesso em: 31/01/2022

Já as direcionadas para o público feminino possuíam como tema principal a literatura e a moda, abordando o comportamento feminino e impondo um modelo social como afirma Cohen (2021) ao expor os discursos presentes na Revista Feminina (1914-1936):

Pontificava na revista o articulista Chrysanthème (pseudônimo de Cecília Bandeira de Mello), que em seus artigos elaborava passo a passo a receita da mulher ideal: caprichosa, prendada, organizada, bem-humorada, bela, vestida com apuro e principalmente disposta à abnegação em nome do bem-estar do marido e filhos. (COHEN, 2012. p. 117)

Ao mesmo tempo que esse discurso era propagado, existiam artigos que estimulavam o consumo e divulgavam a imagem da mulher moderna, com cabelos curtos, em automóveis, exaltando a personalidade da mulher melindrosa, a exemplo da figura 08 abaixo, no qual é abordada a última moda francesa, o uso de *tailleur*, espécie de blusa alongada.

Figura 20: Jornal das moças, 1914, edição 01, “Modas e modos”.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111031_01&pesq=melindrosa&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=20

Acesso em: 31/01/2022

Os periódicos da década de 1920 empregavam numerosas ilustrações ao longo das edições, possuindo sempre lugar de destaque como é visto na revista *A Maçã* (1922-1929). Haluch (2003) evidencia a presença de ilustrações específicas de personalidades da sociedade como o almofadinha, um rapaz elegante e galanteador e a cocotte, uma mulher determinada e moderna, ilustrados na figura 10.

Havia o desejo de inovar e uma das características presente era a alteração da estrutura da capa a cada edição, além do uso de bordas e molduras nas páginas. O logotipo era totalmente redesenhado segundo Haluch (2019) e ocorria uma reformulação da proposta gráfica, o uso de cores como o vermelho, verde e azul eram cada vez mais constantes.

Figura 21: Revista *A Maçã*, abril de 1922, edição nº 08.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=338109&pesq=&pagfis=168>
 Acesso em: 08 de fevereiro de 2022

O estilo artístico art nouveau influenciou de forma ativa o design da revista *A Maça*, inspirado nos periódicos franceses, as páginas possuíam floreios, linhas curvas e arabescos em sua composição. Com o passar dos anos, como afirma a autora, o art déco toma espaço, inserindo agora objetos, ilustrações e diagramação mais retilíneas.

Figura 22: Revista A Maça, junho de 1922, edição nº 20



Fonte: Biblioteca Nacional Digital Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=338109&pesq=&pagfis=522>
Acesso em: 08 de fevereiro de 2022

Costa e Braga (2019) ao analisar a revista *Bello Horizonte*, confirmam a exploração do uso associado de texto e imagem nas revistas ilustradas com o intuito de atrair o consumidor, este que se apoiava nas matérias do periódico para moldar-se aos padrões de comportamento, seguidos principalmente pela classe média. As páginas eram ocupadas predominantemente por ilustrações e fotografias que registravam os cenários modernos e acontecimentos da sociedade.

Se caracterizava como uma revista de variedades focada na modernidade, desde o entretenimento até as propagandas, exibindo os cenários modernos e os padrões de comportamento, em especial das mulheres, falando de cabelo e maquiagem, por exemplo. As capas traduziam os acontecimentos marcados pela modernização no cotidiano, harmonizados com o estilo art déco, expressados em linhas sinuosas, formas geométricas e abstratas.

Figura 23: Revista Bello Horizonte, 1933, número 03.



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte APCBH
Disponível em: <https://issuu.com/apcbh/docs/c.15-x-001>
Acesso em: 31/01/2022

Os autores ainda apontam o uso do chamado capa-pôster (figura 23 e 24) no qual se utilizava apenas a imagem, sem chamadas sobre o conteúdo da edição, esse artifício teve seu auge durante os anos 1920 e 1930 e proporcionava ao responsável maior liberdade estética e criativa. Assim,

durante a primeira metade do século XX se desenvolveu uma linguagem gráfica própria, procurando manter-se atualizada em seu meio.

Figura 24: Revista Bello Horizonte, 1933, número 05



Fonte: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte APCBH
Disponível em: https://issuu.com/apcbh/docs/c.15-x-003_295234d34cd005
Acesso em: 31/01/2022

Deste modo, compreendemos o papel do design na transmissão de informações e tendências na sociedade brasileira por meio das revistas ilustradas, influenciando na experiência urbana e na representação do moderno.

3.2. REVISTAS ILUSTRADAS PARAIBANAS

A seguir serão destacadas algumas revistas que circularam na Paraíba durante o período de 1850 a 1935 e que manifestaram certa ênfase na apresentação gráfica.

Figura 25: A imprensa na Parahyba.



Fonte: Revista Era Nova, "Edição do Centenário- Dr. Solon Barbosa de Lucena", 1922.

Disponível em:

http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/Era_Nova_1922_ano_II/DR_SOLON_BARBOSA_LUCENA5.pdf Acesso em: 04/07/2022

A primeira revista paraibana é datada de 1850, nomeada **Alva**, estabelecida em João Pessoa e de cunho literário, abordava questões governamentais como a vida de políticos e valorização das riquezas do país. Fátima Araújo (1986) alude a importância do periódico como documentação histórica, mas destaca o pouco empenho no aspecto gráfico.

Figura 26: Capa da edição nº1 da revista Alva, 1850.



Fonte: Jornal Literário Alva, Tomo I, nº 1, 1850. Disponível em:
http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/alva1_1.pdf

Acesso em: 04/07/2022

A revista **Philippéa** (1905) debatia acerca de diversos interesses sociais, falando de política, literatura, agricultura, religião, humor, artes e ciência. Foi fundada por Coriolano de Medeiros e possuía em sua composição nomes como Castro Pinto, Manuel Tavares Cavalcanti e Maximiliano Silva, pseudônimos eram utilizados para criticar políticos. Segundo Araújo (1986), a revista durou poucos meses, contava com bons artigos e edição gráfica, mas sua impressão tinha alto custo. Conforme a figura abaixo, é possível perceber a forte influência do Art Nouveau nos grafismos da capa de sua primeira edição.

Figura 27: Capa da edição nº1 da revista Philippéa, 1905.



Fonte: ARAÚJO, 1986.

Em 1918, foi inaugurada por Oswald P Pessoa e João Dias Jr. a revista **Parahyba Ilustrada**, a qual agregava um público variado, por ser “graficamente agradável e com um nível bom de matérias” (ARAÚJO, 1986, p. 144). Seus temas principais giravam em torno dos esportes, artes, literatura, agronomia, ciência e religião. A autora destaca que a maioria dos trabalhos da revista não eram assinados.

Alguns anos depois, em 1922, a revista **Paraíba Agrícola**, de publicação mensal, foi fundada por Diógenes Caldas, com ajuda de Alpheu Domingues, Sylvio Torres e Antônio Lucena. Se restringiam apenas a assuntos rurais, com fotografias de áreas de plantação, da pecuária e temas como a educação agrícola nas escolas. Alguns colaboradores de destaque foram Analice Caldas, Pimentel Gomes e Lauro Montenegro.

Figura 28: Capa da revista Parahyba Agrícola, ano I, nº1.



Fonte: ARAÚJO, 1986.

Fundada por Lauro Gomes e Orlando Pedrosa em 1932, a revista **Menina** era de cunho noticioso, literário e social, teve duração de 4 anos, até 1936, obteve grande aceitação do público pela alta qualidade dos textos e gráfica, contava ainda com correspondentes em outros estados como o Rio Grande do Norte e Pernambuco. Em seu último ano possuía parceiros em grande parte dos estados do país. Segundo Fátima Araújo (1986) a revista passou por várias fases em seu expediente ao longo dos anos, mas sua maioria era formada por homens.

Por fim, a revista **Ilustração** criada em 1935 por José Leal, com publicação quinzenal, abordava aspectos da modernidade por meio de seus desenhos e textos. “Deixou grande contribuição como documentário de uma época, com seus usos e costumes, além de registrar, ao lado de outras publicações congêneres, o deslumbramento social de algumas camadas da comunidade” (ARAÚJO, 1986, p.154)

Figura 29: Capa da revista Ilustração, ano I, nº1.



Fonte: ARAÚJO, 1986.

Dentre os periódicos citados e outros publicados no período, a revista Era Nova se destaca quanto à qualidade de impressão e do material textual e gráfico produzidos. Para tanto, utilizaremos a Era Nova como objeto de estudo e pesquisa, procurando compreender as influências da modernidade em suas capas.

3.2.1. REVISTA ERA NOVA

Durante os anos de 1921 e 1926 circulou na Paraíba, a revista ilustrada Era Nova, publicando em suas páginas histórias de seus leitores, discussões políticas e literárias, possuía cunho literário e noticioso, representando os comportamentos e o cotidiano da sociedade a qual era direcionada. Fundada por Severino Lucena e Guimarães Sobrinho, diretor e redator chefe respectivamente, trazia consigo os signos da modernidade, demonstrando em suas páginas uma capital em movimento, no qual a elite possuía o papel principal de destaque.

O nome também faz alusão aos seus propósitos de elevar a revista ao mais feliz destino, a fim de contribuírem para uma nova era, em que se concentrassem seus ideais e aspirações de arte, letras e civismo em prol da moral e ordem paraibana (RODRIGUES, 2014, p. 14).

Eram apresentados símbolos dessa modernidade em seus layouts, tais como a manipulação de imagens e uso de ilustrações em toda sua extensão, matérias e publicidades traziam fotografias das ruas, das festas promovidas na

cidade, além da exposição de obras do governo. O papel utilizado em suas impressões era o couchê, importado de alta qualidade, além da aplicação da técnica de policromia.

Figura 30: Redação e administração da Revista Era Nova.



Fonte: ARAÚJO, 1986.

As capas eram produzidas no estilo poster, sem anúncios ou chamadas, apresentando apenas o título da revista, a edição e a fotografia ou ilustração determinada para aquela tiragem. Segundo Alômia Abrantes (2011), a Era Nova possuía uma impressão nítida, onde reproduzia fotografias e ornamentos, podendo ser equiparada a grandes revistas e “considerada uma precursora dessas práticas na imprensa brasileira” (ABRANTES, 2011, p.4).

As foto-retratos que faziam composição na maioria das capas indicavam uma exteriorização dos álbuns de família a fim de exibir membros daquela sociedade, validar status, se tornando um nivelador de status e contribuindo para a identificação da classe dominante.

A fotografia e as ilustrações ocupavam um lugar de destaque, por ser segundo Maria do Socorro Cipriano (2016) guardiã da memória, preservar momentos e ser um signo dos tempos modernos. Em grande parte das edições, estas não possuíam conexão com o texto abordado, eram utilizadas para preencher a página e engrandecer tal modernidade.

Alômia Abrantes (2011) ressalta que a partir do período chamado *Belle Époque*⁵ houve uma grande agitação quanto ao uso de fotografias, sendo registradas paisagens, obras e principalmente pessoas. O interesse em

⁵ Período de avanços tecnológicos e urbanísticos, no qual se viveu um “passado áureo” de otimismo. (CANTARELLI, 2006).

preservar memórias se somava ao de promoção social, em sua maioria retratos de mulheres com foco no rosto, mas sem o olhar direcionado à câmera.

Rodrigues (2014) afirma que tais ferramentas agregam valor a revista e por isso houve o investimento em oficinas de produção própria, como destaca em passagem do periódico:

Secção de photo-mecanica composta de excellente machinismo, vindo da Allemanha directamente para esta Empresa. [...] Sob a direção do conhecido gravador pernambucano sr Souza Brasil [...]. (Era Nova, Parahyba 1 de julho de 1923, n47) (RODRIGUES, 2014, p. 14).

A Era Nova utilizava suas capas como estratégia de venda, chamavam atenção do público com seus ornamentos, expondo ícones da modernidade, normas e tendências da juventude paraibana. Em seu miolo, as matérias comumente utilizavam a estrutura de três colunas, com imagens ou ilustrações incorporadas ali, se inserem ainda ornamentos em conjunto ao título e na moldura da página.

Figura 31: Matéria Vida Alheia, Revista Era Nova, nº 56, 1924.



Fonte: Revista Era Nova. Disponível em:
http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo/Era_Nova_1924_ano_IV/ERA_NOVA_30_01_1924.pdf. Acesso em: 04 de julho de 2022.

O periódico trazia para os leitores assuntos triviais, curiosidades, seções como 'Vida Alheia', 'Cartas de mulher', 'Notas Sociais' e 'Notas de Arte' eram fixas nas edições e faziam bastante sucesso. O público interagiu enviando cartas com confidências e respondendo às enquetes feitas. A partir de 1924 aparece a seção 'Leitores da Era Nova' com fotos, nome e profissão daquele

que os enviasse junto a um pagamento para custear os clichês (RODRIGUES, 2014).

O público-alvo da revista era a classe média letrada, pessoas que consumiam os textos para seguir tendências, se adequar a sociedade e se informar. Alzira Rodrigues (2014) expõe que a juventude procurava ali modos de seguir a modernidade, assim, transformando “seções em fiscais do gosto, da moral e dos bons costumes, imprimindo um caráter modelar e regulador das subjetividades” (RODRIGUES, 2014, p.22).

Para tanto, é a partir dessas características que iremos embasar as análises produzidas. Cipriano (2016) coloca a revista como um dos responsáveis pela difusão das ideias ditas progressistas e modernas, estampando os desejos e rostos da elite paraibana.

4. METODOLOGIA

Ao longo do trabalho percebemos os efeitos que a modernidade causou na sociedade. Ela se inseriu de maneira impactante em todos os âmbitos do cotidiano social, no modo de se locomover, vestir e se expressar. Os signos que esse movimento gerou são perceptíveis em diversos documentos da época, possuindo em suas páginas visões diversificadas. Ao analisarmos um documento histórico existem fatores que influenciam na interpretação desta, fatores que representam apenas determinados grupos sociais. Ao utilizar periódicos como fonte de pesquisa, conforme destaca Alzira Rodrigues (2013), se faz necessário entender que este não será um relato fiel dos acontecimentos, mas sim, uma visão que parte de um lugar social, muitas vezes com discursos e interpretações tencionados.

A fim de compreender as mensagens difundidas na revista *Era Nova*, utilizaremos a abordagem de Martine Joly (2007) acerca da imagem e da teoria semiótica, no qual vai se procurar os signos presentes na imagem e suas categorias, além de identificar as influências em sua criação. Os signos vão auxiliar na efetivação da comunicação por meio de cores e formas e outros estímulos.

A autora afirma que é função do signo expressar uma visão, permitindo, assim, interpretações. Ele pode causar efeito com sua presença ou até mesmo sua ausência pode significar algo. Tal interpretação vai ser realizada a partir da cultura e contexto em que o receptor está inserido. Martine Joly (2007) traz o pensamento de Charles Peirce (1978) acerca da estrutura do signo, se organizando em significante, que seria a face, em referente, o objeto representado na imagem, e o significado dela em si.

O autor coloca a imagem na categoria de ícone, pois um desenho, fotografia ou pintura podem possuir símbolos que tenham relação e representem o referente. Ela possui o poder de representar com semelhança, sendo assim, para contemplar a interpretação, deve existir entre os criadores e os receptores determinada correspondência cultural. Dispor de referências e conhecer o contexto da produção ajuda a compreendê-la e realizar uma melhor interpretação.

Interpretar e analisar uma mensagem, não consiste certamente em tentar encontrar uma mensagem pré-existente, mas em compreender que significações determinada mensagem, em determinadas

circunstâncias, provoca aqui e agora, sempre tentando destrinçar o que é pessoal do que é coletivo (JOLY, 2007, p. 48).

Joly (2007) afirma que por a imagem possuir diferentes tipos de signos, ela então se enquadra como linguagem, que expressa e comunica, e é por meio dessa linguagem que encontramos significados. É a partir disso que a imagem passa a ter funções diversas, entre elas destacamos a denotativa, que procura informar o teor da imagem, o sentido literal, e a conotativa, que se enquadra na mensagem subjetiva incorporada.

Para compreender a construção da imagem os signos vão se dividir em três categorias, **signos plásticos, icônicos e linguísticos**. O primeiro se reconhece a partir das cores, formas e texturas inseridas na imagem, o segundo são as características identificadas ali, já o terceiro se configura no texto.

Segundo Joly (2007), a mensagem plástica vai se dividir em subcategorias descritas abaixo.

Suporte: é o tipo de material utilizado, tal como papel, digital, revista.

Moldura: demarcação da imagem, em alguns casos se confunde com o limite do suporte, permitindo ao observador a percepção de um campo visual que excede a página.

Enquadramento: se configura na distância entre o objeto fotografado e a câmera, “é o limite da representação visual” (JOLY, 2007, p.109).

Ângulo do ponto de vista: é o modo em que a câmera está direcionada para o objeto, sendo possível transmitir intenções ao observador. O ângulo plongée ou picado é a vista de cima, carrega consigo a significação de esmagamento, submissão, enquanto o contra plongée ou contra picado, vista de baixo, passa a sensação de algo maior, amplo. Já o ângulo frontal costuma indicar naturalidade em virtude de se igualar a visão humana. Joly (2007) põe em evidência a convenção em torno de tais definições e que estas não são regras a serem seguidas.

Composição ou paginação: distribuição dos componentes na página, responsável pela hierarquização da visão, a autora apresenta quatro configurações que indicam a orientação da leitura, a construção focalizada: o olhar é atraído para um ponto específico; construção axial: o objeto se encontra no centro da imagem; construção em profundidade: o objeto está em perspectiva, no primeiro plano do conjunto; por último a construção sequencial:

o olhar segue uma ordem de informações até chegar ao objeto, comumente posicionado na parte inferior direita.

Forma: para Joly (2007) esta segue uma definição antropológica e cultural, as mais comuns seguem a ideia de que formas arredondadas remetem a feminilidade e suavidade enquanto formas pontiagudas ou retas a dinamismo, robustez.

Cores e iluminação: esta interpretação também se condiciona a questão cultural, a intensidade das cores e iluminação influenciam na representação do humor, do ambiente e outras sensações.

Textura: está ligada a terceira dimensão, adicionando sensações visuais como uma textura lisa remete a frieza e um efeito granulado conduz a uma percepção tátil.

Dimensão: é o tamanho dos objetos na página.

Quanto à mensagem linguística, o foco da análise se dará nas características presentes na tipografia, sua disposição na página e implicações, seguindo a categoria de 'imagem das palavras', "indicada pelo tamanho e pela espessura das letras: altas e negras para a marca, maiúsculas finas para a legenda, pequenas maiúsculas finas para as moradas" (JOLY, 2007, p. 129). As escolhas realizadas persuadem a compreensão do todo, fontes que denotam elegância e modernidade.

Com base nas informações apresentadas, utilizamos a ficha desenvolvida por Rafael Lima (2008) em sua monografia 'Te cuida Hollywood! Análise gráfica de cartazes de chanchada de 1957 a 1963' a partir da metodologia de análise de Martine Joly (2007). Estão presentes na ficha de análise a identificação da capa analisada, os signos plásticos, sendo retirada a categoria textura, pelo autor, dimensão e adicionada a moldura, os signos icônicos e linguísticos, nas três divisões são apontadas as denotações e conotações percebidas no objeto de estudo. Segue abaixo modelo da ficha de análise:

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição:

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento		
Ângulo		
Composição		
Forma		
Cor		
Moldura		

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação

5. ANÁLISE

A análise acontece a partir das capas da revista Era Nova (1921-1926) sendo selecionadas 2 edições de cada ano publicadas entre 1921 e 1925, dispostas no acervo online 'Jornais e Folhetins literários do século XIX' organizado pela Universidade Federal da Paraíba, os critérios utilizados para escolha seguem o propósito de exemplificar a diversidade visual e os signos aplicados ali, percebendo a associação entre texto, imagem e elementos gráficos. As capas analisadas são as seguintes:

Figura 32: Revistas selecionadas para análise



5.1. ANÁLISE DAS CAPAS

Edição nº 1, 27 de março de 1921



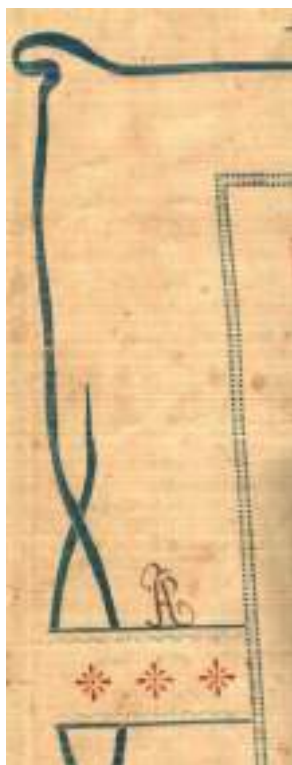
Descrição

A capa analisada é a primeira a ser publicada na Era Nova em 27 de março de 1921. Ao centro da página está localizada uma fotografia de uma mulher dirigindo um automóvel, do qual visualizamos apenas parte, há a presença de elementos gráficos ao seu redor. Possui elementos linguísticos na parte superior e logo abaixo da foto.

Análise

Nesta capa podemos verificar o enquadramento fechado da fotografia, com ângulo frontal, apresentando um cenário espontâneo na composição para dar ênfase ao automóvel dirigido por uma mulher. Esta configuração é vista como um símbolo da modernidade em duas partes, primeiro por se tratar de um carro e segundo por ser uma mulher a ocupar um espaço antes vetado. Ao redor da imagem encontramos uma espécie de moldura retangular pontilhada,

em seu lado esquerdo, direito e superior há linhas orgânicas e 'estrelas radiais de oito pontas' em seu interior, dando a ideia de fitas em torno da moldura.



Os arabescos que circundam a página são característicos do estilo art nouveau, simulando galhos de plantas, transmitem certa dinamicidade ao mesmo tempo que emitem a sensação de elegância e feminilidade por meio das linhas curvas e pontiagudas. O uso de cores como tons vermelho e azul contribui para percepção da modernidade e estética pretendida pela revista. Os grafismos surgiam como moldura, possuindo certa simetria, preenchendo a página sem pesar, adicionando elegância e destaque a composição.

Os signos icônicos são representados pela fotografia, simboliza a chegada da modernidade na Paraíba, algo que estava atingindo as classes média e mais elevadas, estas que detinham maior poder de compra. A exposição de tais bens na capa da revista assegurava o status e prestígio por suas posses, essas questões estavam diretamente ligadas ao público-alvo da revista.

Em relação aos signos linguísticos, o nome da revista, Era Nova, evidencia a tentativa de levar o estado rumo ao progresso. A modernidade é reproduzida no uso de fonte sem serifa no título e na legenda da imagem, esta última destaca o status promovido pela aparição no periódico. O texto 'revista quinzenal ilustrada' posicionado no canto superior direito, está posto em escada o que indica movimento, uma característica do movimento modernista.

Outros elementos presentes são o ano, local, data e número da revista, estes estão logo abaixo do título, com fonte serifada, posicionadas em retângulos, ornando com o estilo visual empregado.

Edição nº 11, 1 de setembro de 1921



Descrição

O número 11 da revista Era Nova apresenta em sua capa a fotografia de uma mulher dentro de uma moldura com flores, na parte exterior linhas geométricas com adornos. No topo da capa vemos a logo da revista cercada das temáticas abordadas em seu miolo.

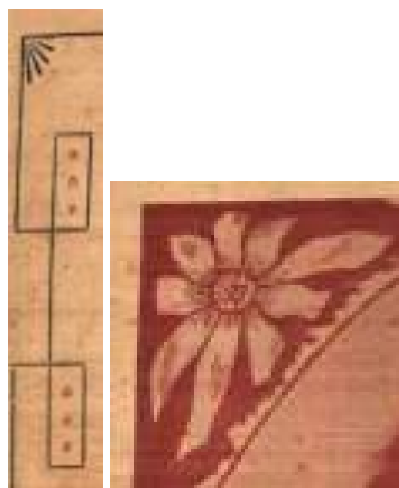
Análise

A fotografia presente possui enquadramento no modo retrato com ângulo frontal, proporcionando ao leitor um ar natural, de afinidade, o uso de jóia reforça a questão da representação da condição social da modelo. Os

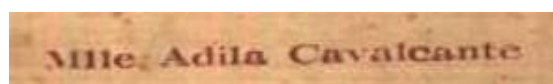
elementos estão distribuídos de modo que ocupe a página mas sem poluir o todo, onde o foco principal fica ao centro, se moldando a construção axial.

As formas geométricas na cor preta seguem o estilo art déco, ostentando simetria e adornos, em harmonia com o propósito de expressar bom gosto e primor. O retrato, moldura e logo em tom vermelho se destacam na página, suas estruturas curvilíneas manifestam modernidade e jovialidade.

Dentre os signos icônicos presentes estão as ilustrações das formas geométricas que seguem o estilo art déco com suas linhas retas e formas curvilíneas, a moldura ao redor da fotografia tem a função de porta retrato com detalhes que nos lembra o art nouveau e nos passa a percepção de feminilidade. A imagem contribui para tal com o olhar da modelo, a joia delicada e a pose.



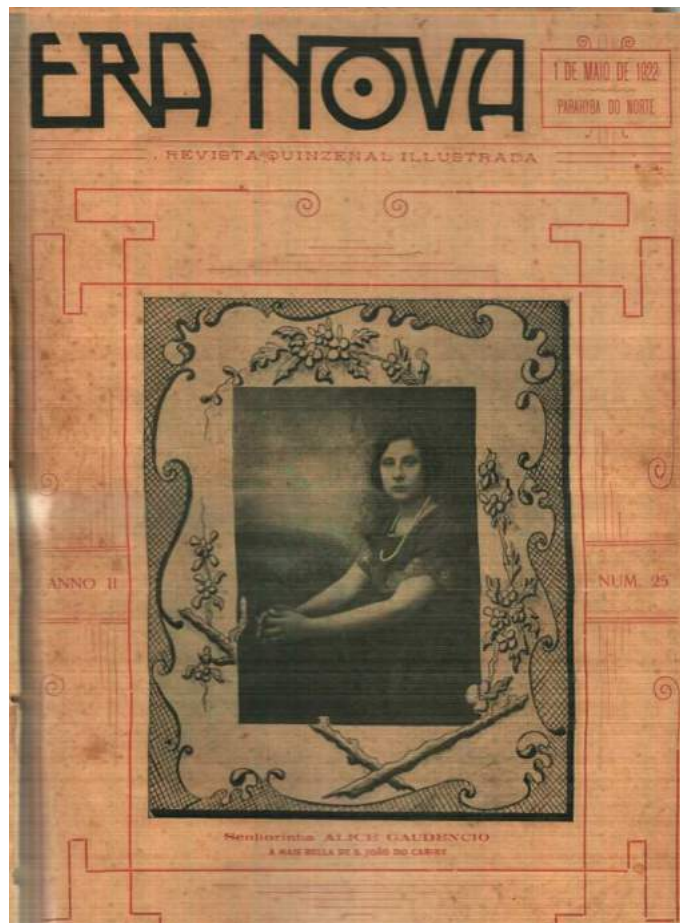
A logo da revista quebra um pouco com essas concepções, trazendo certo dinamismo e jovialidade à página com uma fonte decorativa, esta usa um sombreado feito de hachuras no tom vermelho, sua estrutura remete ao art nouveau. Em seu redor, como numa estrutura de radiação, estão escritos os temas abordados na revista, possuindo aparência de que foram feitas a mão, seguindo o mesmo estilo da marca, com noção de descontração e leveza.



A identificação da revista quanto a ano, local, data e número segue o padrão utilizado, fonte com serifas na cor vermelho, deixando a composição

sofisticada, e está posicionada logo abaixo do nome do periódico. Na legenda da fotografia está escrito 'Mile Adila Cavalcante' em fonte serifada. A forma de tratamento mileide abreviada nos expõe que a modelo pertence à camada social elevada.

Edição nº 25, 1 de maio de 1922



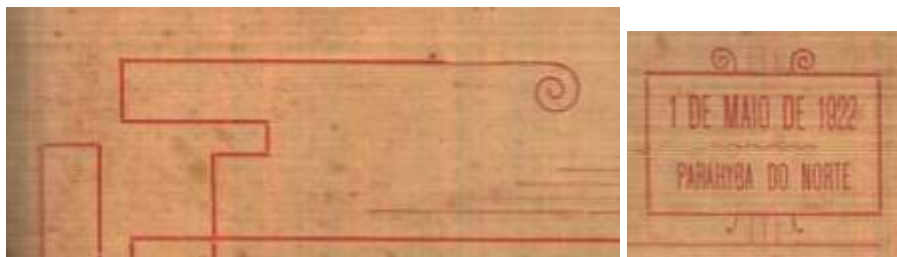
Descrição

A capa escolhida pertence à edição de 1 de maio do ano de 1922. Nela podemos ver a mudança na logo da revista, como também da diagramação dos elementos. Ao centro está a fotografia de Alice Gaudencio sentada olhando para a câmera. Ao redor existe uma espécie de moldura com elementos florais, linhas no estilo art déco complementam a composição. Há informações textuais como a data da publicação e legenda da imagem.

Análise

A fotografia localizada no centro da revista possui um enquadramento fechado na modelo, o ângulo frontal fornece a imagem de uma mulher séria, imponente com seu olhar direcionado à câmera. A composição da página se dá de maneira sequencial, no qual o olhar do leitor faz o caminho da logo para moldura e logo depois a imagem central.

Na parte exterior da composição estão dispostas linhas retas e pontas arredondadas organizadas de maneira simétrica, remetendo ao estilo art déco e suas formas geométricas. Já a moldura da fotografia está ligada ao art nouveau pelos motivos florais, linhas curvilíneas e assimétricas. O vermelho aparece nas linhas geométricas, na caixa com texto no canto superior direito e nas legendas, o uso do preto dá destaque ao nome da revista por ter um contraste elevado em relação ao conjunto da página.



A ilustração ao redor da fotografia acrescenta um ar de exuberância ao todo, há o uso de sombras projetadas nas hachuras, ilustrações e em seu contorno dando volume à imagem, os elementos mesclados à fotografia também contribuem para tal percepção. A mulher exibida na foto é Alice Gaudencio, a posição, roupas e acessórios são indicativos de pertencimento a classes sociais mais abastadas.

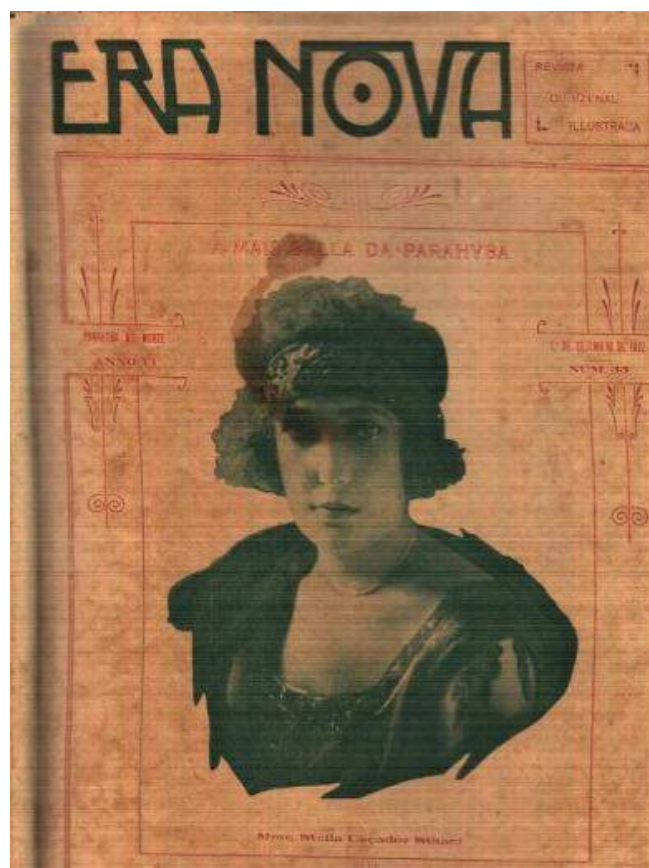


A logo da revista passa por modificação, a utilizada nesta edição é compatível com o art déco devido ao uso das formas geométricas, serifa superiores quadradas na letra R e A e estrutura grossa, causando contraste. A data e local estão dispostas em um quadrado com ornamentos no canto superior direito, a tipografia é sem serifa e condensada. Os outros elementos linguísticos presentes como o subtítulo da revista, ano e número estão dispostos em fonte serifada. Na legenda da imagem está o disposto o nome da modelo e abaixo a seguinte frase: 'A mais bela de S. João do Cariri', o que

serve de indício para entendermos a influência da revista ao exibir tais informações para toda sociedade paraibana.



Edição nº 33, 1 de setembro de 1922



Descrição

A edição de primeiro de setembro de 1922 traz em sua capa elementos gráficos ao redor de fotografia recortada de uma mulher que olha diretamente para a câmera em vestimentas sofisticadas. Entre os elementos textuais estão a logo da revista, periodicidade, identificação e localidade.

Análise

Ao centro da página está posicionada o recorte de uma fotografia, o que indica o uso de técnicas variadas para construção das capas, a modelo possui olhar fixo na câmera num enquadramento fechado posicionado frontalmente, dando a conotação de poder e imponência. A construção axial coloca a imagem em destaque na composição, possuindo contraste com a logo da Era Nova.

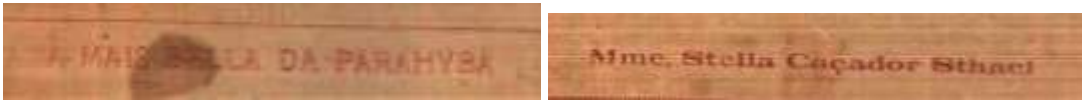
Linhas retas, circulares e adornos simétricos em vermelho compõem a margem do conjunto, estes refletem a idealização da classe social que seu público-alvo está inserido, procurando demonstrar bom gosto e distinção. Em preto temos a logo em estilo art déco e a fotografia, colocando ambos em evidência.

Os signos icônicos estão representados pela fotografia recortada que simboliza o status social ao estar estampada ali e a modernidade exprimida na técnica do recorte e nas vestimentas da modelo. Os elementos gráficos também contribuem para tal perspectiva, as influências do art déco estão efetivadas nas linhas e arabescos.

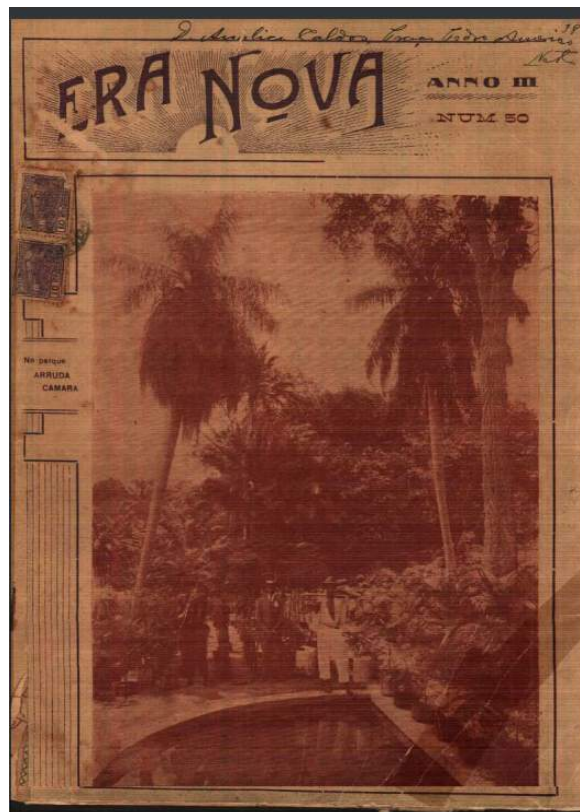


Quanto aos signos linguísticos, a logo do periódico se configura como dito anteriormente no estilo art déco, com serifa quadradas no R e no A e uma ligatura unindo o N e o V, forçando o O a ter um tamanho diferente; o texto 'Revista Quinzenal Ilustrada' posicionado no canto superior direito está em fonte sem serifa e com quebra de linha em posição que sugere movimento. O local e data da publicação apresentam-se em fonte condensada sem serifa, enquanto o ano e número da edição em fonte serifada.

Abaixo da imagem consta a legenda 'Mme. Stella Caçador Sthael' em fonte serifada, a abreviação madame denota posição social elevada, outro indício de demonstração do prestígio em fazer parte desse meio é a presença da frase 'A mais bella da Parahyba', corroborando para o discurso de que a revista era um instrumento de ostentação.



Edição nº 50, 1923



Descrição

A edição número 50 da revista Era Nova traz em sua capa a fotografia do Parque Arruda Câmara, a Bica, em evidência, cercada de elementos gráficos. Quanto aos textuais, encontramos o título da revista, o ano, número e legenda da imagem.

Análise

A fotografia utiliza um enquadramento aberto, com distância das pessoas ali presentes para capturar parte da paisagem, o ângulo frontal permite uma vista natural da cena composta por árvores, plantas e um lago. A

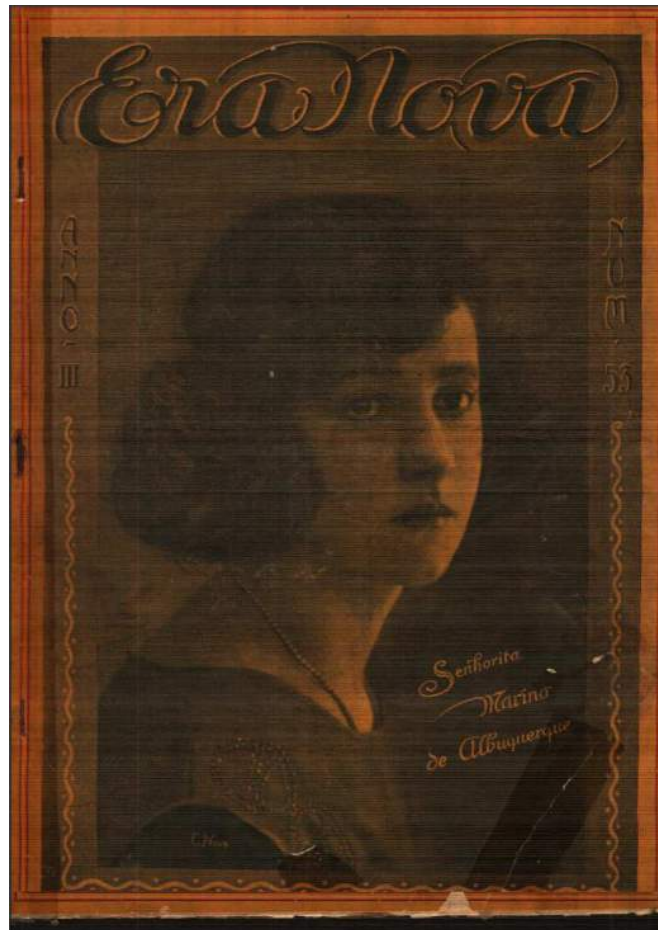
construção axial leva o olhar do leitor pela página, mas o foco principal se concentra na imagem.

As linhas retas utilizadas criam dois blocos de informações, separando a logo da foto em molduras diferentes. No lado esquerdo as linhas formam uma espécie de coluna que abriga a legenda da foto, essas são características do art déco, a repetição e contraste entre grosso e fino, além de corroborar com o estilo requintado proposto na revista. A presença das cores vermelho e preto são comuns nas edições do periódico, indicando o moderno modo de impressão.

O principal signo icônico é a fotografia do Parque Arruda Câmara, ela retrata o costume da época de expor locais, obras e ações que o governo realizava, na Era Nova isso se dava devido a relação do diretor, Severino Lucena, filho do então governador, Solon de Lucena. Outro signo icônico são as formas geométricas dispostas na página, como dito anteriormente elas reforçam o emprego do art déco em consonância com a proposta da harmonia e distinção.

O signo linguístico de destaque se trata do título do periódico, este sofre alteração aos outros analisados aqui, seguindo a estética do art nouveau com formas orgânicas e serifas finas alongadas. Os raios de sol ao fundo, em estrutura de radiação, ao serem interrompidos próximos às letras, geram, por princípio de fechamento, volume a elas (como se as fontes possuíssem extrusão), o que concede profundidade e dinamismo. O ano e o número localizados no canto superior direito também passam por mudanças, o primeiro com fonte decorativa seguindo o estilo art nouveau e o segundo com fonte serifada mas com hastes e barras mais grossas. O último elemento linguístico presente é a legenda da imagem no qual 'No parque' está escrito em caixa baixa e 'ARRUDA CÂMARA' em caixa alta para dar ênfase ao local.



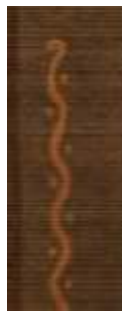


Descrição

A capa da revista de número 53 apresenta em sua composição a fotografia de Marina de Albuquerque, os elementos gráficos criam uma espécie de moldura em conjunto com os elementos linguísticos, estes no formato manuscrito.

Análise

O enquadramento utilizado para o retrato é fechado, dando bastante destaque a modelo devido ao tamanho que ocupa na página, configurando uma construção axial, o ângulo frontal faz o leitor perceber a delicadeza e graciosidade da jovem estampada, as linhas onduladas e bolinhas colaboram para tal interpretação, transmitindo feminilidade e naturalidade.



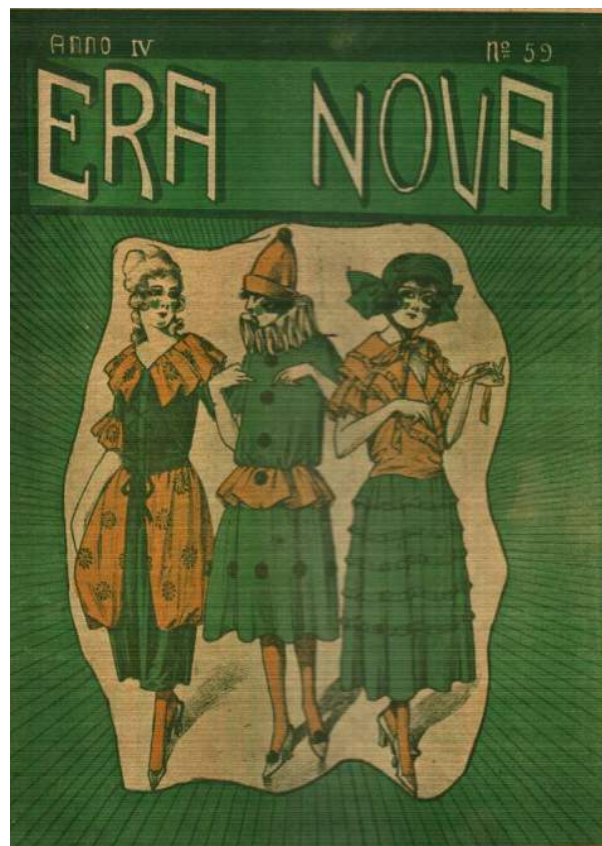
Quanto a análise das cores empregadas, o uso do vermelho aparece discretamente no contorno da página em dois retângulos, o preto e tons de cinza abrangem quase toda extensão da página, o fundo da fotografia é escuro e existe uma espécie de moldura ao seu redor em um tom mais claro. O branco é aplicado nas linhas, no contorno dos textos e na identificação da modelo para dar contraste com o restante da composição.

O olhar, a feição e os acessórios da modelo nos passam uma sensação de delicadeza, de uma moça jovem e ingênua se apresentando à sociedade. Os grafismos contribuem para essa concepção de requinte e suavidade devido às ondas e ao posicionamento. O fundo escuro quebra com essa percepção, pesando a imagem ao mesmo tempo que cria uma unificação dos elementos textuais.

Os signos linguísticos vão seguir o mesmo padrão, utilizando tipografia caligráfica que simula a escrita com bico de pena, seguindo a proposta já abordada de delicadeza e naturalidade, com traços sinuosos que vão do grosso ao fino nas extremidades e a vogal 'a' forma uma espécie de @. O título da revista Era Nova e a identificação do ano III ainda possuem um contorno branco que causa a sensação de volume e relevo, separando-o do fundo.



Edição nº 59, 02 de março de 1924



Descrição

A primeira capa analisada do ano de 1924 é uma edição comemorativa de carnaval, com cores alegres e uma ilustração de três mulheres trajadas para a festa ao centro. Os elementos textuais se resumem a marca, ano e número da edição.

Análise

Em destaque na página temos a ilustração de três mulheres em pé, uma ao lado da outra em um ângulo frontal em poses espontâneas. A composição se enquadra na construção Axial, no qual o foco da página está centralizado nas personagens.

Linhas retas saem de um ponto central da página em direção a todos os lados, numa estrutura de radiação, causando efeito de movimento e profundidade. O verde atrai a atenção do leitor por ser também uma nova técnica de impressão. O tom de verde mais claro é utilizado ao redor da ilustração em espécie de moldura, a mesma cor serve de fundo para a logo a fim de contrastar com esta.

O verde escuro é usado para separar o topo da página com o restante em dois blocos, ainda é utilizado para efeito de sombra. O laranja aparece nas

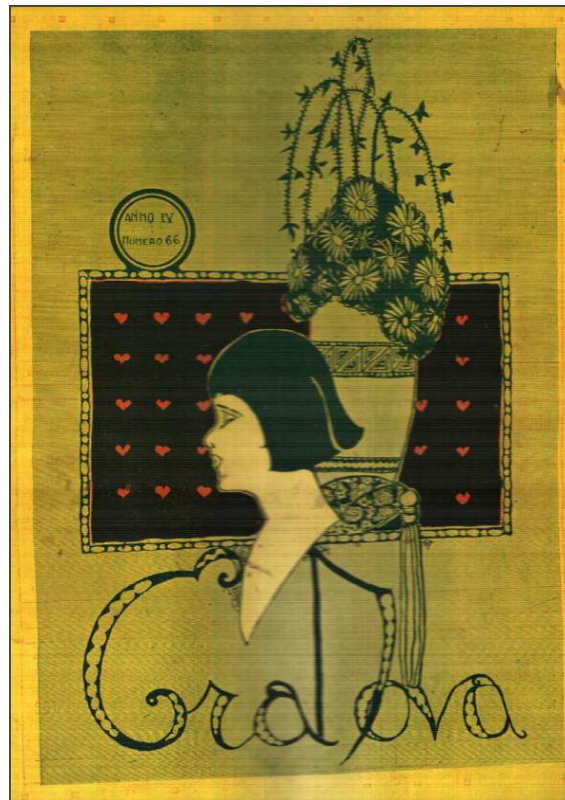
vestimentas das personagens com o mesmo intuito de destaque e representar o moderno.

O principal signo icônico presente é a ilustração das carnavalescas, pode-se perceber os penteados, o cabelo curto da figura central e da direita, e maquiagens aplicados fazem referência aos utilizados na época e que simbolizavam o moderno, a personagem da esquerda utiliza penteado clássico, fazendo alusão a fantasias antigas. O fundo branco dá destaque a ilustração em contraste com a moldura verde, as linhas posicionadas ao redor também contribuem para esta compreensão.

O elemento textual em destaque é a logo da revista colocada em perspectiva e com volume, a vogal 'E' é a única serifada do conjunto, as outras seguem um padrão quadrado exceto a letra 'r' que possui pequena curvatura. O estilo empregado nos demais textos é condizente com o art nouveau, fonte com aspecto manuscrito e orgânico.



Edição nº 66, julho de 1924



Descrição

A segunda edição do mês de julho de 1924 é composta por colagens de ilustrações, sendo possível observar o busto de uma mulher, vaso de flores, algo parecido com uma almofada e um quadro com corações. Elementos textuais são identificados no título da revista e na identificação da edição.

Análise

Esta capa utiliza colagens para compor sua estrutura, elas estão posicionadas em ângulo frontal, a ilustração da mulher está disposta em perfil enquanto os outros objetos aparentam estar de frente. A composição segue a construção sequencial, o olhar do leitor é levado pela página, a hierarquia influenciada pelos formatos e cores.

O arranjo segue uma proposta orgânica, feita de maneira livre, sem aparentemente seguir um estilo definido, mas com influência do movimento dadaísta, indicando naturalidade nos desenhos. As cores adotadas seguem uma paleta diferente das capas anteriormente analisadas, o amarelo aparece em toda extensão, dando ênfase a capa.

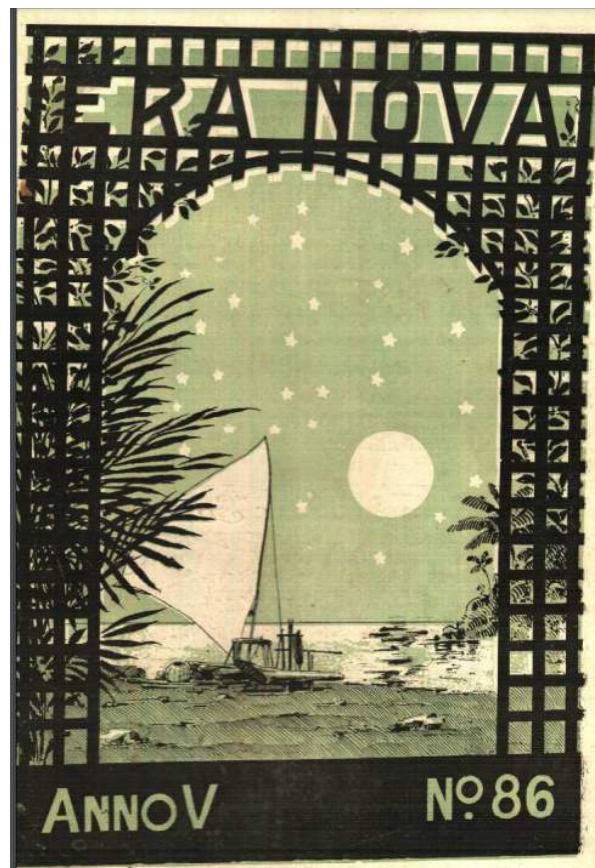
Nas ilustrações do vaso, almofada, moldura do quadro, elementos textuais, cabelos e traços da mulher verifica-se uma tonalidade de verde

escuro. No quadro localizado ao fundo da composição constatamos a sobreposição de cores, a impressão do preto é vazada com formas de coração e o vermelho completa ocupando tais espaços, o uso dessa paleta e técnica é um indicativo da modernidade de sua gráfica.

Os signos icônicos são variados, uma combinação dos elementos presentes em capas anteriores e das temáticas abordadas, a representação feminina, da natureza, o requinte empregado nas molduras e o amor trabalhado em suas páginas. Como dito anteriormente, essa técnica de colagem feita inusitadamente remete ao modernismo

Elementos textuais presentes se resumem a identificação da edição, número e ano, e título da revista, com formato manuscrito, de acordo com a proposta orgânica da capa.

Edição nº 86, 15 de setembro de 1925



Descrição

Vemos na imagem a ilustração do horizonte formado pela união do mar e céu, há uma jangada, lua e estrelas presentes na composição. É possível ver galhos de árvores em seu entorno logo atrás de uma treliça trançada de madeira, no qual o título da revista está incorporado.

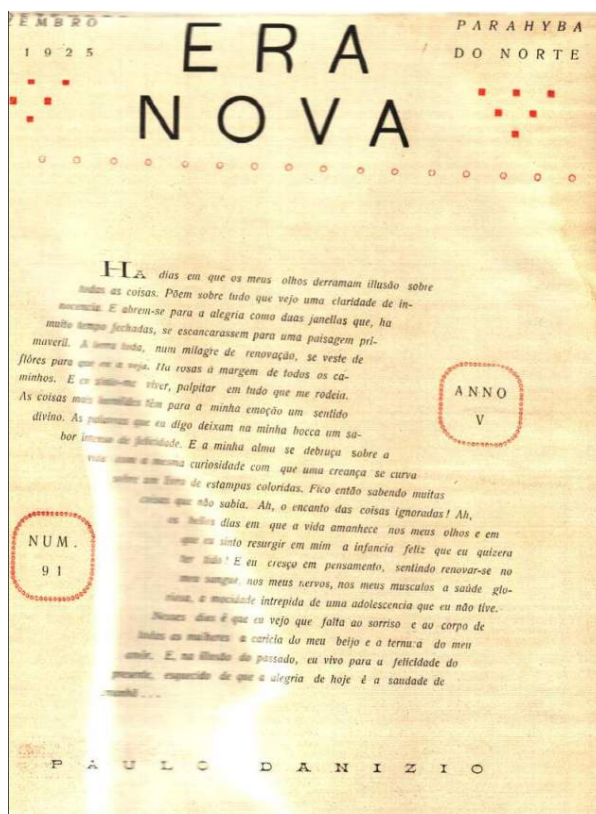
Análise

O enquadramento da ilustração é aberto, pegando a paisagem como um todo, o ângulo frontal nos dá a impressão de pertencimento a cena, de observador, a construção em profundidade permite a percepção de planos diferentes, havendo uma distância do leitor para a última superfície. A ilustração utiliza predominantemente verde claro e o preto, o primeiro vem representando a natureza, o mar calmo, enquanto o outro faz a função de sombreamento da imagem.

A treliça trançada que forma a moldura da imagem denota a presença de uma janela ou porta em que o leitor possa contemplar a paisagem ali disposta, o céu estrelado e a lua cheia iluminam o mar aparentemente calmo. A jangada vazia está parada na areia em frente à janela. É possível enxergar galhos de árvores nas laterais contornando a estrutura.

O signo linguístico referente ao título da revista está em fonte bastão incorporado a estrutura de madeira compondo a cena, os outros elementos textuais seguem o estilo da fonte, posicionados na parte inferior da página de maneira despretensiosa na cor verde.

Edição nº 91, 31 de dezembro de 1925



Descrição

A última capa do ano de 1925 traz em sua estrutura um poema de Paulo Danizio, os elementos gráficos presentes são poucos se resumindo a algumas formas geométricas.

Análise

A composição aplicada é a construção axial, no qual a informação principal da capa está localizada ao centro. As formas empregadas foram quadrangulares e circulares, a primeira no qual 6 quadrados formam uma pirâmide e na segunda houve o agrupamento de 16 círculos em linha reta para separar o cabeçalho da revista das outras informações, há também um quadrado de bordas arredondadas que circunda a identificação do ano e número da edição. Foram utilizadas as cores vermelha nas formas geométricas e preto para o texto, causando certo contraste visual das informações.

Os signos icônicos dessa capa também são os signos linguísticos, em destaque temos o poema escrito por Paulo Danizio, é utilizada uma fonte com serifa em itálico, sua diagramação segue uma linha sinuosa, onde o texto indica movimento, ação. Os quadrados de cantos arredondados e linhas pontilhadas também corroboram com a questão de movimento e fluxo da página.

Outro fator que contribui para essa interpretação são as pirâmides formadas pelos quadrados abaixo dos textos de identificação da data e local de publicação, representando setas que apontam para o poema. O título da revista está centralizado entre essas informações, escrito em fonte bastão, os demais elementos textuais utilizam a mesma tipografia serifada em caixa alta, mantendo o padrão empregado pela revista em suas edições.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Verificamos ao longo das análises o constante uso de enquadramento fechado com a intenção de destacar o elemento principal da composição, normalmente associado à figura feminina, esta que está presente na grande maioria das edições. O ângulo frontal nas fotografias implicou a percepção de naturalidade, delicadeza e em alguns momentos imponência e poder, mas em todas elas era símbolo do status que a exposição de sua imagem reproduzia

na sociedade, as legendas das fotos contribuíam para a manutenção deste paradigma.

A construção axial foi bastante utilizada nas capas, procurando deixar a informação principal, usualmente uma fotografia, ao centro em destaque. Ao redor desta o uso de ilustrações e formas geométricas correspondendo a uma moldura no estilo art nouveau ou art déco expressavam o desejo de se inserir e apresentar a modernidade, do mesmo modo que o uso de cores e sobreposições em vermelho, preto, verde e amarelo representaram os avanços da época nos modos de impressão.

Ao longo dos anos a revista, apesar de seguir um padrão nos elementos presentes, experimentou visualmente técnicas variadas como recortes e mesclas de fotografias e ilustrações. Procuravam transmitir elegância, distinção e simetria em suas ornamentações a fim de atingir o público-alvo almejado.

O título da revista também passa por constantes modificações nas publicações, se adaptando ao contexto sujeito, incorporando técnicas de perspectiva e sombra, hachuras e delineados manuais. As tipografias utilizadas variam entre serifadas, não serifadas e decorativas, o estilo art nouveau e déco dominaram os elementos textuais, muitas vezes transmitindo a ideia de movimento e delicadeza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso deste trabalho, podemos entender alguns fatores que implicaram nas mudanças ocorridas durante as primeiras décadas do século XX, as automações no processo de trabalho e as tendências sociais e artísticas. As revistas ilustradas no Brasil tiveram grande importância na divulgação dos signos da modernidade por meio de suas abordagens políticas, humorísticas e juvenil.

A análise nos possibilitou compreender as representações do moderno nas capas da revista Era Nova, estas que seguiram o indicado na proposta de sua inauguração, levar a sociedade paraibana pelos trilhos da modernidade. Os signos da inovação estão inseridos no cotidiano da população, no modo de se vestir, no lazer e na ocupação de novos espaços.

Nas capas pudemos identificar a presença da modernidade por meio dos grafismos utilizados nos estilos art nouveau e art déco, dos artefatos expostos como o carro pilotado por uma mulher e locais da cidade, as técnicas de

recorte e mescla de ilustrações. Elas reforçam ainda a concepção de capa pôster, em que em sua página não possui chamadas das matérias de seu interior e procuram apresentar à sociedade seus personagens e pensamentos.

Com isso, podemos constatar a influência da modernização e do modernismo na sociedade e na produção de periódicos no Brasil e na Paraíba durante a década de 1920. Ao contemplarmos as transformações durante os anos em que esteve em exercício, contribuímos para a perpetuação do conhecimento acerca da função social e da memória gráfica local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADES, Dawn, Dadá e Surrealismo. In: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**: com 123 ilustrações. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 97-128.

AMARAL, Aracy. **O modernismo Brasileiro e o contexto cultural dos anos 20**. Revista USP. São Paulo, n 24, p. 9-18, junho 2012.

ARANHA, Gervácio. Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925). In: AGRA DO Ó, Alarcon. et al. **A Paraíba no Império e na República**: estudos de história social e cultural. João Pessoa: Idéia, 2003.

BERMAN, Marshall. **Modernidade ontem, hoje e amanhã**. In: BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

CHAGAS, WALDECI. **As singularidades da modernização na cidade da Parahyba nas décadas de 1910 a 1920**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. p. 281, 2004.

CIPRIANO, Maria do Socorro. O historiador e a fotografia: a imagem da infância na revista Era Nova. In: OLIVEIRA, Tiago Bernardon. et al. **Poder, memória e resistência**: 50 anos do golpe de 1964 e outros ensaios. João Pessoa: Editora do CCTA; Mídia Editora, 2016. p. 305-323.

COHEN, Ilka Stern. **Diversificação e segmentação dos impressos**. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina. História da Imprensa no Brasil. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 103-130.

COSTA, Yasmine Ávila Catarinozzi da. BRAGA, Marcos da Costa. **O Design Gráfico das Capas da Revista Bello Horizonte nos Anos 1930**, p. 2334-2346. In: Anais do 9º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2019 e do 9º CONGIC | Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação. São Paulo: Blucher, 2019.

D'ELBOUX, José Roberto. **Tipografia como elemento arquitetônico no art déco paulistano**: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo, na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 300, 2013.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Imprensa a serviço do progresso**. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina. História da Imprensa no Brasil. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012, p.83-102.

GOLDING, John. Cubismo. In: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**: com 123 ilustrações. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p .44-68.

HALUCH, Aline. **A maçã e a renovação do design editorial na década de 1920**. In: CARDOSO, Rafael. O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

HOBBSAWN, Eric. A revolução industrial. In: HOBBSAWN, Eric. **A era das revoluções** (1780-1848). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.43-69.

JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

KERN, M. L. Modernidade e Modernismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 10, n. 2, p. 151-160, 31 dez. 1984. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/30448> . Acesso em: 21 abril de 2022.

LIMA, Rafael L. E. **“Te cuida, Hollywood”**: análise gráfica de cartazes de chanchada de 1957 a 1963. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design). UFPE: Recife, 2008.

LYNTON, Norbert. Expressionismo. In: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**: com 123 ilustrações. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 27-43.

LYNTON, Norbert. Futurismo. In: STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**: com 123 ilustrações. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 85-92.

MEGGS, Philip B. História do Design Gráfico. São Paulo: Cosac Naify: 2009.

MENEZES, JOSÉ LÚCIO. Modernismo brasileiro: muito além da semana de arte Moderna de 1922. **Dialogia**, São Paulo, n.16, p. 167-184, 2012.

ORTIZ, Renato. Cultura e mercado. In: **Cultura e Modernidade**: a França no século XX. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 63-117.

RODRIGUES, Alzira. **Percursos do amor e do feminino na revista Era Nova**: Paraíba dos anos 1920. Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, 125 páginas.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O Modernismo e a questão Nacional. IN: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (org.). **O Brasil republicano**. O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930. vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006; p. 351-386.

VELLOSO, Mônica. **História e Modernismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VERÍSSIMO, Bruno Pereira. **O design de Luís Jardim**: ilustrações e artes gráficas para a imprensa periódica pernambucana do começo do século XX. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. 231 páginas.

1. Edição nº 1, 27 de março de 1921

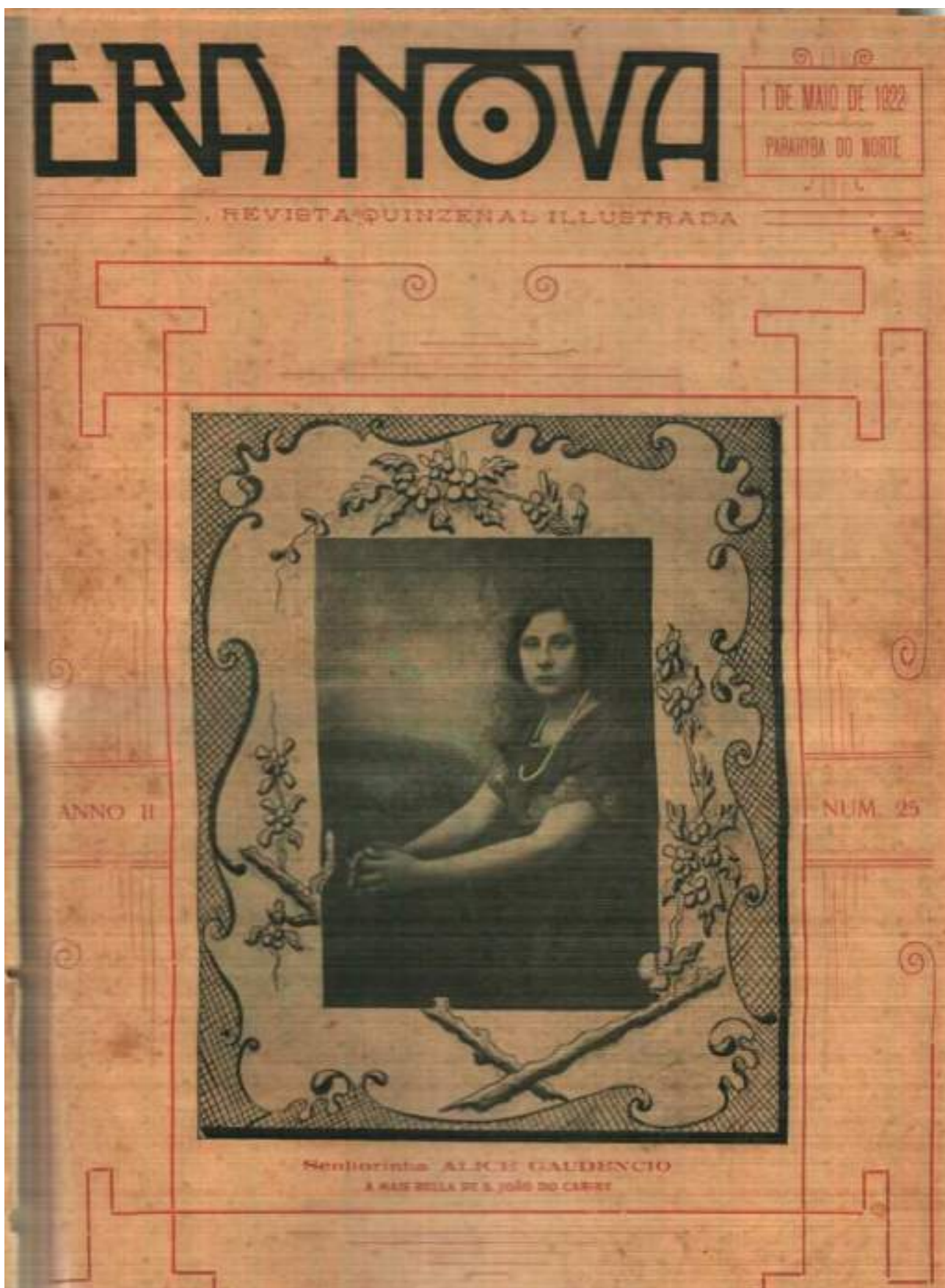


2. Edição nº 11, 1 de setembro de 1921

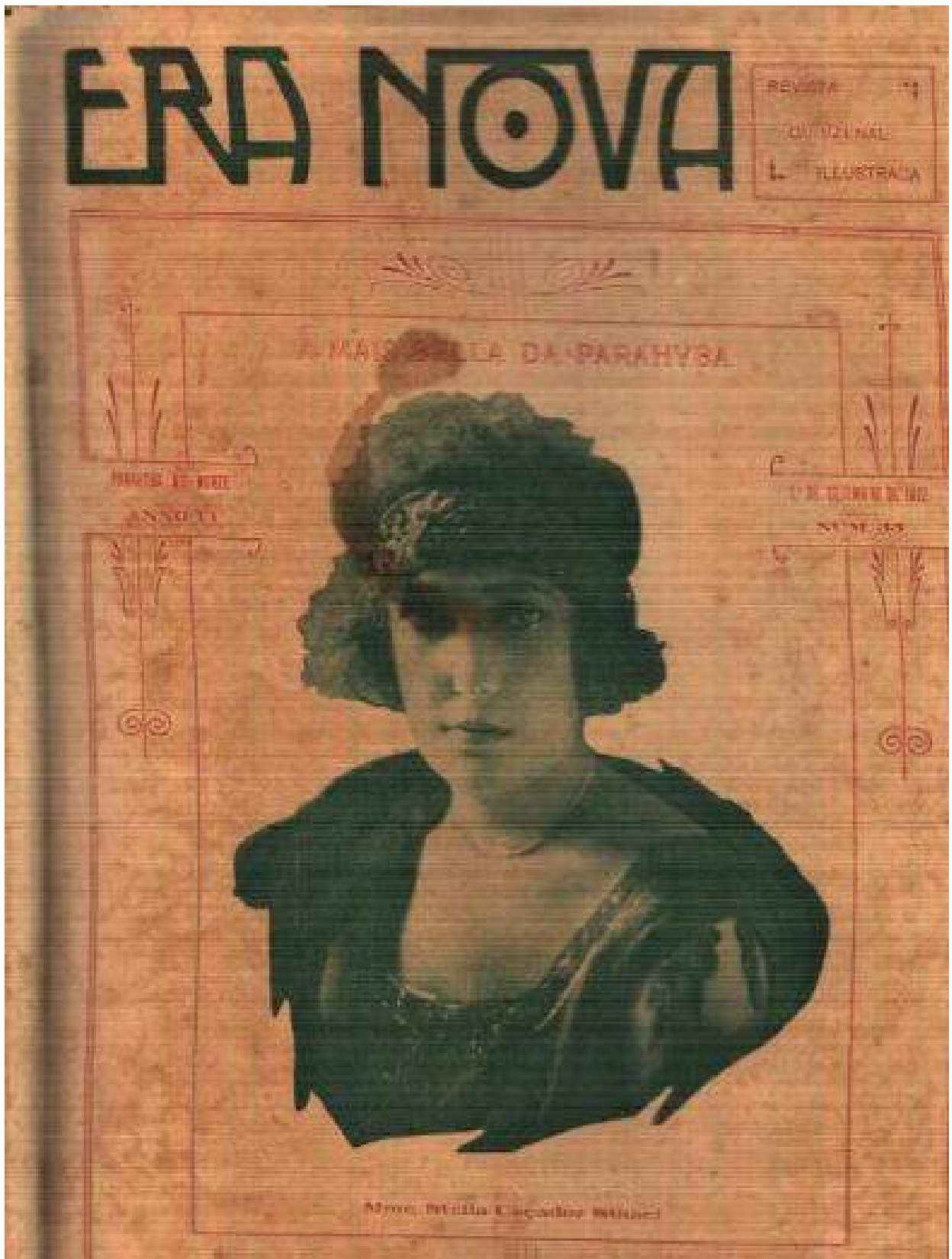


Mlle. Adila Cavalcante

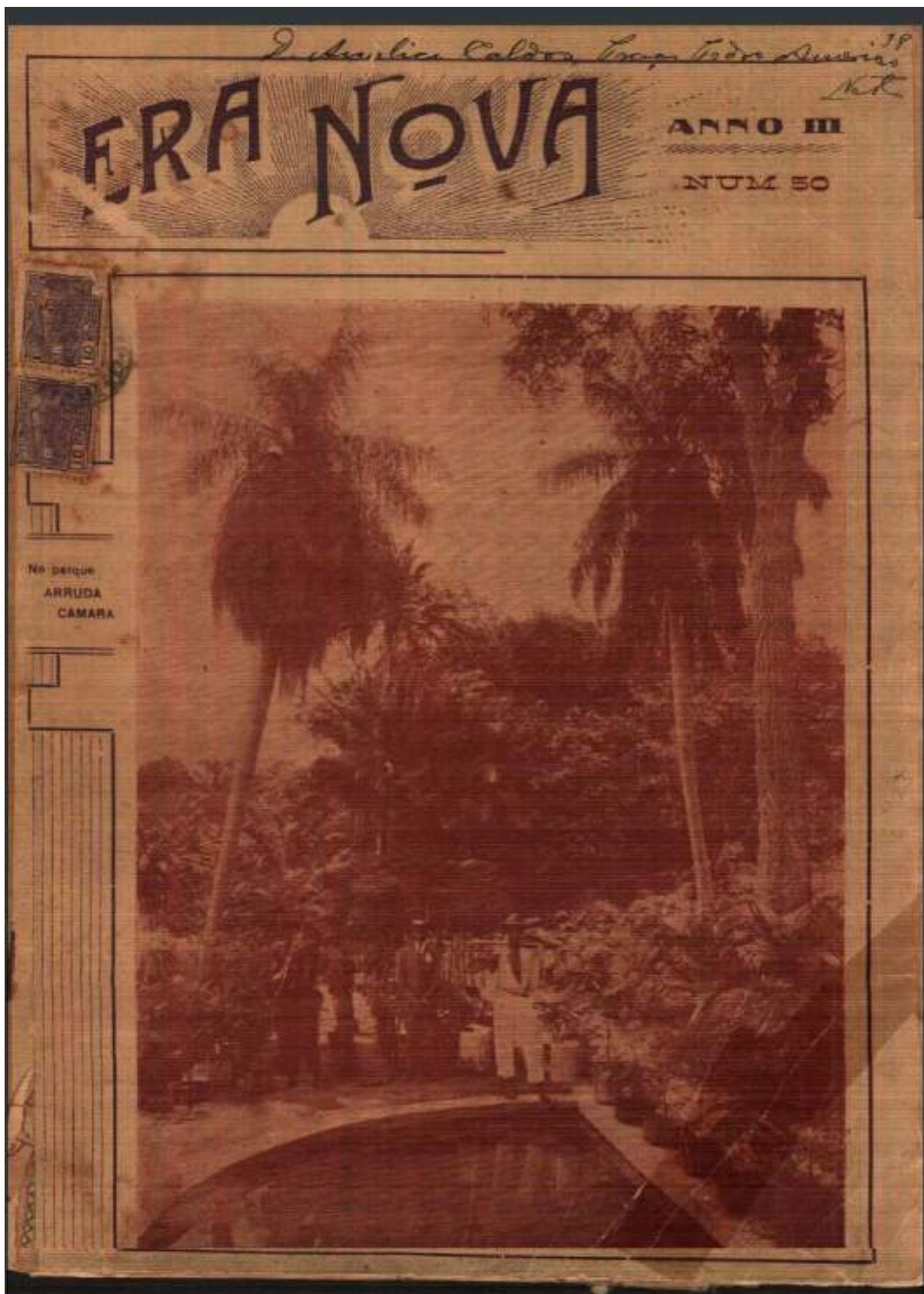
3. Edição nº 25, 1 de maio de 1922



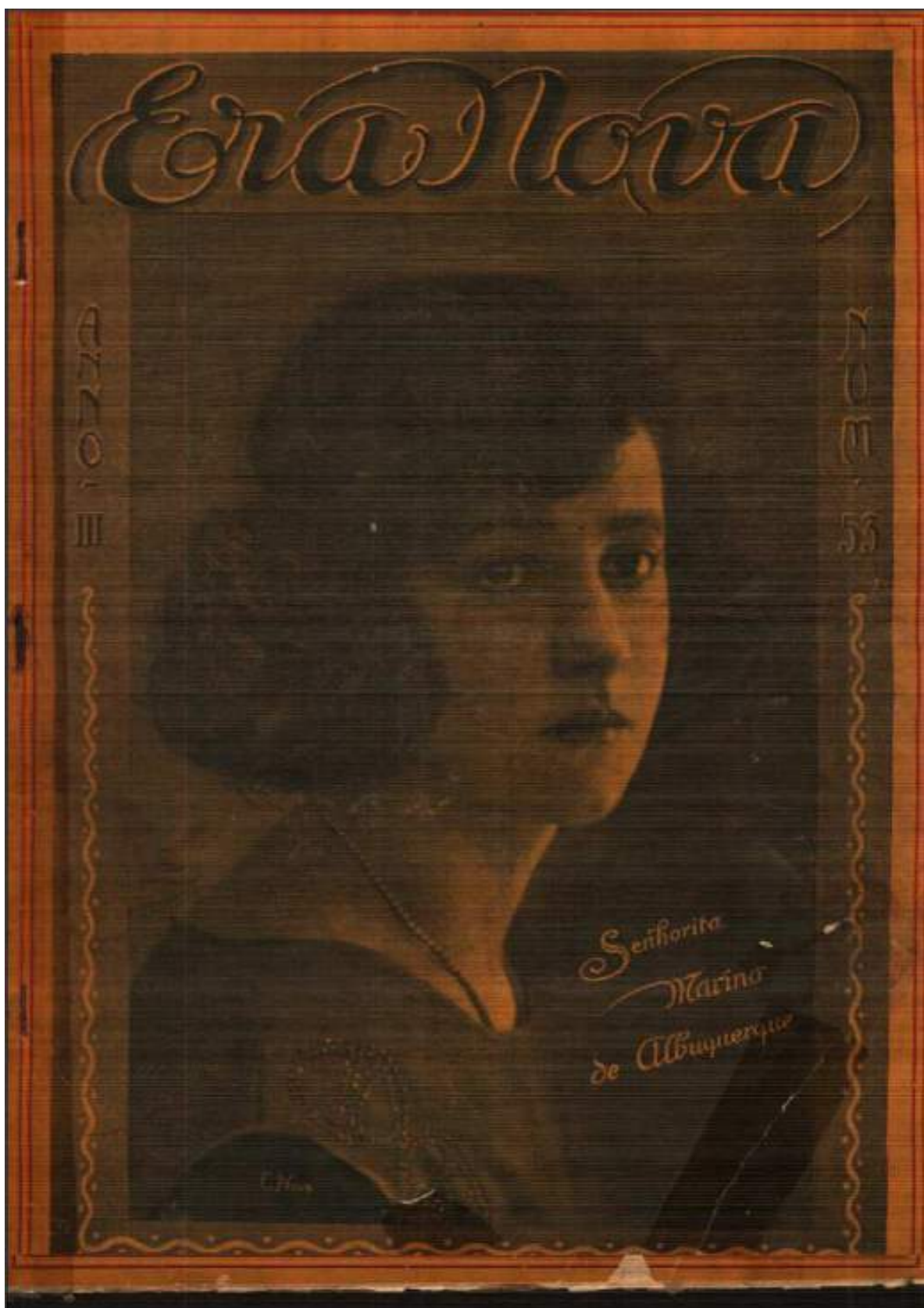
4. Edição nº 33, 1 de setembro de 1922



5. Edição nº 50, 1923



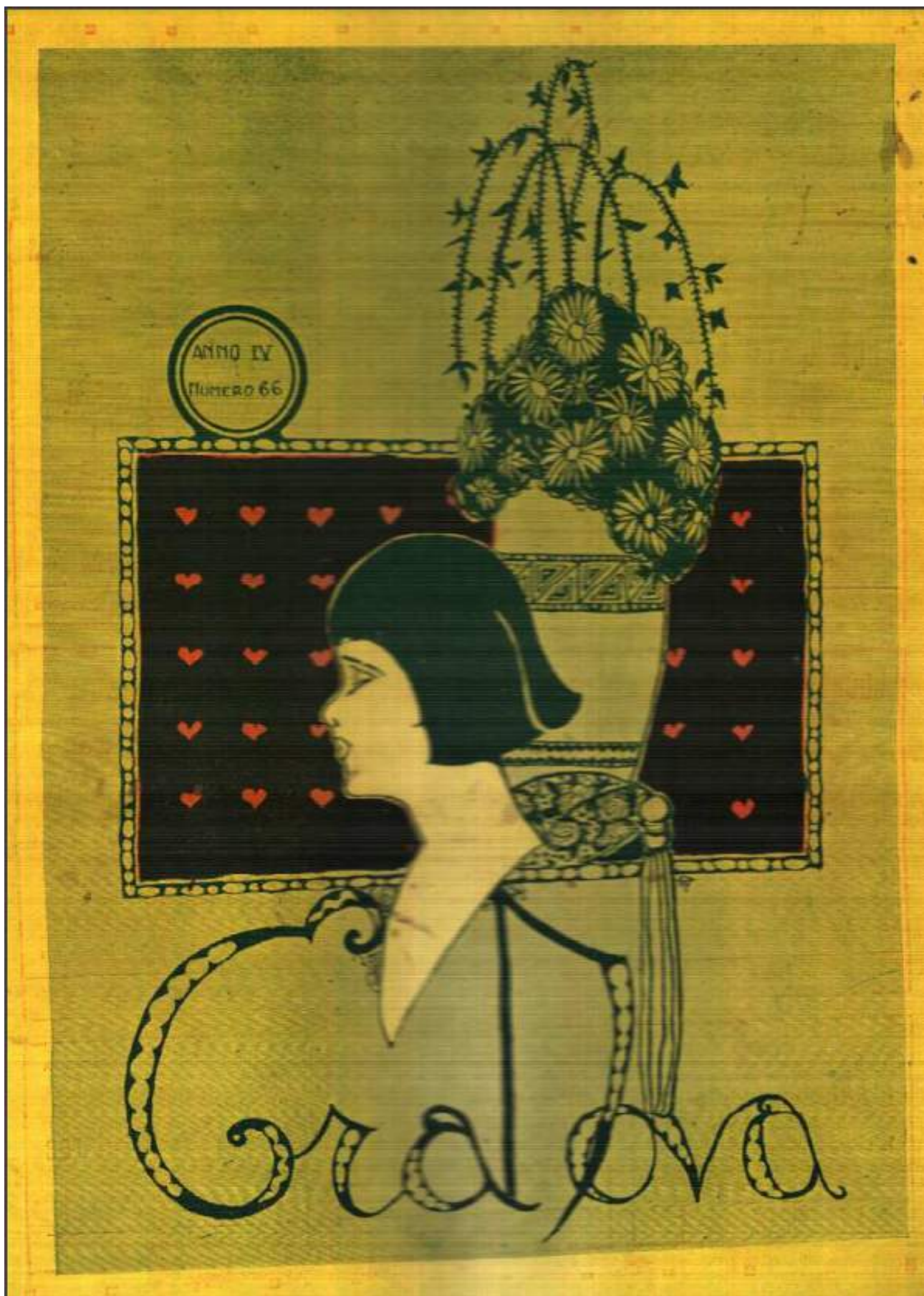
6. Edição nº 53, 1923



7. Edição nº 59, 02 de março de 1924



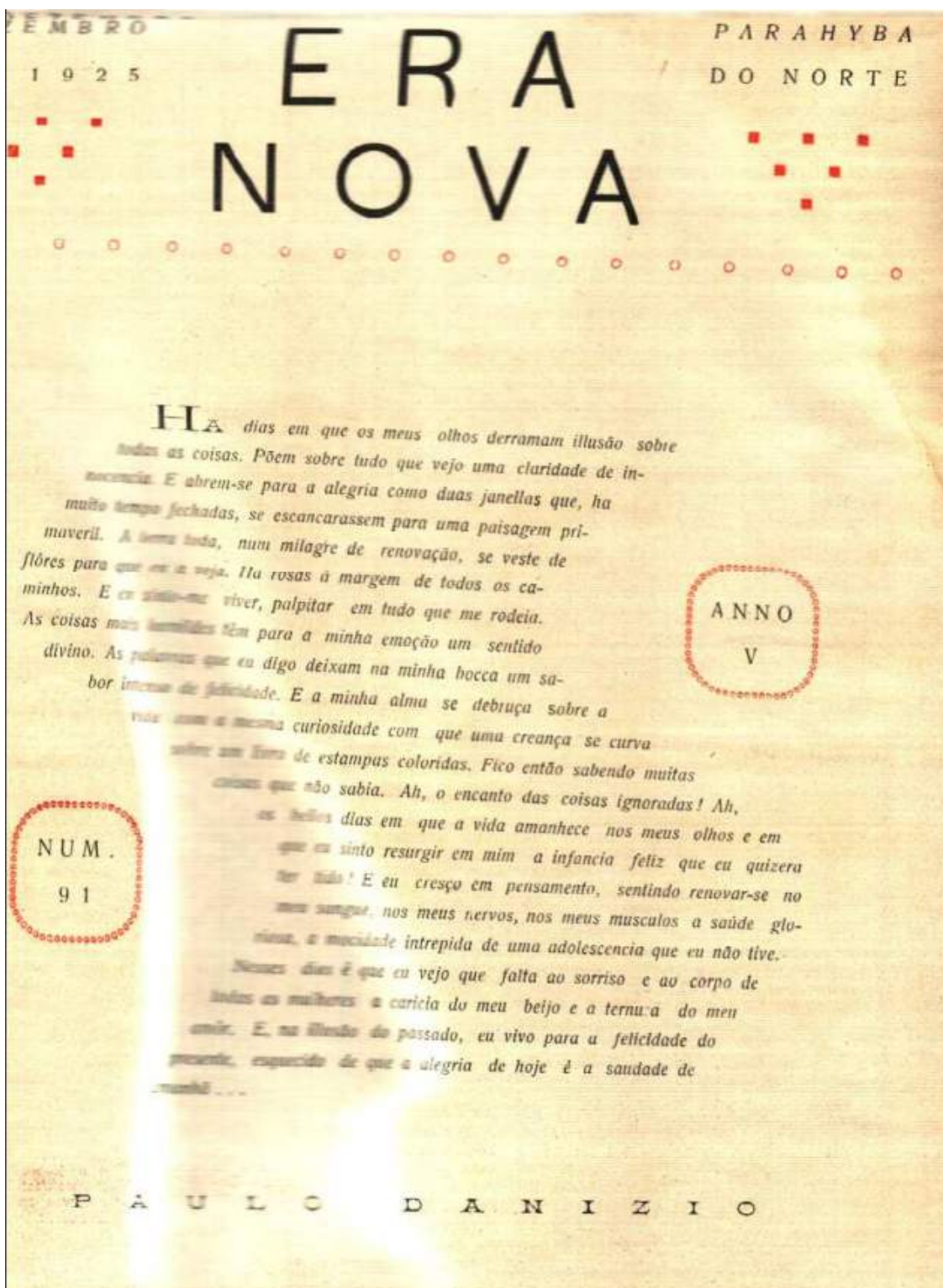
8. Edição nº 66, julho de 1924



9. Edição nº 86, 15 de setembro de 1925



10. Edição nº 91, 31 de dezembro de 1925



Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 1, 27 de março de 1921

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Fechado	Foco no objeto moderno, status
Ângulo	Frontal	Cena natural, espontânea
Composição	Construção focalizada	A moldura aponta para a imagem, direcionando o olhar para um ponto específico, o carro.
Forma	Linhas curvas e pontiagudas	Suavidade e dinamismo
Cor	Vermelho e azul	Indica a modernização no modo de impressão
Moldura	Preenchimento da página	Modernidade, ideia de porta retrato

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Moldura	Preenchimento da página, simetria	Elegância/destaque
Fotografia	Público-alvo	Modernidade

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da Revista	Progresso/ modernidade
Revista quinzenal ilustrada	Periodicidade	Movimento, dinamismo
Ano, local, data e número	Identificação	Elegante e moderno

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 11, 1 de setembro de 1921

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Fechado	Retrato
Ângulo	Frontal	Natural, simpatia
Composição	Construção axial	Foco principal ao centro
Forma	linhas retas e arredondadas	Elegância, harmonia
Cor	Vermelho e preto	Modernização
Moldura	Preenchimento da página	Modernidade, porta retrato

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Linhas geométricas	Preenchimento da página, simetria	Elegância/destaque
Moldura	Porta Retrato	Art Nouveau, feminilidade
Fotografia	Retrato	Status, delicadeza

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da Revista	Jovialidade, modernidade, dinamismo
Ano, local, data e número	Identificação	Elegante
Letras, Artes, Sciencia (...)	Temáticas abordadas	Dinamismo, descontração
Legenda da imagem	Identificação	Status

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição nº 25, 1 de maio de 1922

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Fechado	Destaque para a mulher
Ângulo	Frontal	Imponência, olhar direto para câmera
Composição	Construção sequencial	O olhar segue informações importantes, nome, moldura, imagem
Forma	Linhas retas e circulares	Robustez, simetria
Cor	Vermelho e preto	Modernização e contraste
Moldura	Preenchimento da página	

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Fundo	Contorno da foto	Art nouveau
Fotografia	Mulher sentada	Status
Linhas	Estilo visual	Art déco, requinte

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da Revista	Art déco, modernidade
Revista quinzenal ilustrada	Periodicidade	Requinte
Ano, local, data e número	Identificação	Parte da ornamentação
Legenda da imagem	Identificação	Status

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 33, 1 de setembro de 1922

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Fechado	Destaque para a modelo
Ângulo	Frontal	Imponência, status
Composição	Construção axial	Informação principal ao centro
Forma	Linhas retas e circulares	Elegância, simetria
Cor	Vermelho e preto	Modernização e contrast
Moldura	Ornamentação da página	Elegância

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Fotografia	Mulher recortada	Modernidade, status
Linhas	Estilo visual	Art déco, requinte

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da Revista	Art déco, modernidade
Revista quinzenal ilustrada	Periodicidade	Movimento
Ano, local, data e número	Identificação	Parte da ornamentação, requinte
Legenda da imagem	Identificação	Status

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 50, 1923

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Aberto	Exibir paisagem e pessoas
Ângulo	Frontal	Naturalidade
Composição	Construção axial	Informação principal ao centro
Forma	Linhas retas, preenchimento	Modernidade, requinte
Cor	Vermelho e preto	Modernidade
Moldura	Ornamentação da página	Elegância

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Fotografia	Parque Arruda Câmara	Exibição governamental
Linhas	Estilo visual	Art déco, requinte

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da Revista	Art nouveau, profundidade
Ano e número	Identificação	Parte da ornamentação, requinte
Legenda da imagem	Identificação	Status

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 53, 1923

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Fechado	Destaque para a mulher
Ângulo	Frontal	Delicadeza, proximidade a modelo
Composição	Construção axial	Destaque central
Forma	Linhas onduladas e bolinhas	Feminilidade e naturalidade
Cor	Vermelho e preto	Contraste
Moldura	Contorno	Peso

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Fotografia	Mulher inclinada	Delicadeza, mocidade
Linhas onduladas	moldura	Feminilidade, dinamismo

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova, ano, número e legenda	Identificação	Art Nouveau, escrito à mão, delicadeza

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 59, 02 de março de 1924

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Aberto	Mostrar personagens inteiras
Ângulo	Frontal	Espontaneidade
Composição	Construção axial	Destaque central
Forma	Linhas retas vindo do centro	Profundidade
Cor	Tons de verde, laranja	Modernidade
Moldura	Contorno	Peso

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Ilustração	Mulheres trajadas para o carnaval	Mocidade, descontração, modernidade
Linhas retas/ fundo verde	Moldura	Ritmo, centralização

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova, ano, número e legenda	Identificação	Perspectiva, profundidade

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 66, julho de 1924

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento		
Ângulo	Frontal	Proximidade
Composição	Construção sequencial	Hierarquia dos elementos
Forma	Formas orgânicas	Desenho, pintura, naturalidade
Cor	Amarelo, vermelho e verde	Modernidade
Moldura	Página	Desprendimento

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Ilustrações	Combinação de elementos	Referência a elementos presentes em outras capas, dadaísmo e modernismo

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova, ano e número	Identificação	Orgânico, espontâneo

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 86, 15 de setembro de 1925

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Aberto	Paisagem
Ângulo	Frontal	Observador
Composição	Construção em profundidade	Objetos em primeiro e segundo planos, distância
Forma		
Cor	Verde e preto	Natureza e sombra
Moldura	Treliça	Janela ou porta

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Treliça	Primeiro plano, moldura	Janela ou porta
Cena de fundo	Vista pro mar	Natureza

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da revista	Integra a treliça/cenário
Ano e número	Identificação	Simple, despojado

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Edição: nº 91, 31 de dezembro de 1925

Mensagem Plástica

Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento		
Ângulo		
Composição	Construção axial	Foco centralizado
Forma	Quadrados e círculos	Modernidade
Cor	Vermelho e preto	Contraste na página
Moldura		

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Poema	Diagramação	Movimento

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da revista	Moderno/ progresso
Data, ano e local	Identificação	Movimento
Poema	Diagramação	Movimento, dinamismo
Ano e número	Identificação	Despretensioso
Paulo Danizio	Identificação	

Instituto Federal da Paraíba – Campus Cabedelo
Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
Trabalho de Conclusão de Curso
Discente: Alice Pereira Melo Orientador: Rafael Efrem
Análise Gráfica das capas da revista Era Nova

Síntese das análises

Mensagem Plástica

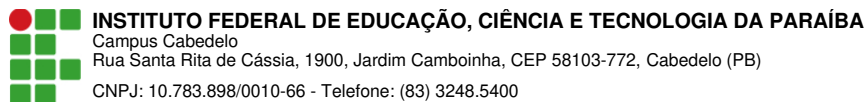
Significantes Plásticos	Denotação	Conotação
Enquadramento	Fechado	Foco no personagem principal
Ângulo	Frontal	Naturalidade, aproximação
Composição	Construção axial	Foco centralizado
Forma	Linhas retas e sinuosas	Modernidade, elegância
Cor	Vermelho, preto, verde e amarelo	Modernidade, contraste
Moldura	Retrato, contorno	Delimitação das fotografias

Mensagem Icônica

Motivos	Denotação	Conotação
Fotografias	Representação	Status
Ilustrações e linhas	Ornamentação	Elegância

Mensagem Linguística

Textos	Denotação	Conotação
Era Nova	Título da revista	Moderno/ progresso/ art nouveau/art déco
Data, ano, número e local	Identificação	Movimento/ art nouveau/art déco



Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC

Assunto: TCC
Assinado por: Alice Melo
Tipo do Documento: Anexo
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Alice Pereira Melo, ALUNO (201927010003) DE TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO - CABEDELLO**, em 01/09/2022 14:19:57.

Este documento foi armazenado no SUAP em 01/09/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 612936
Código de Autenticação: 22c7f352bd

